



mensal | novembro de 2020 | n° 5 | ano 27 | [Facebook](https://www.facebook.com/sescsp) | [Instagram](https://www.instagram.com/sescsp) | [sescsp.org.br/revistae](https://www.sescsp.org.br/revistae) | [revistae@sescsp.org.br](mailto:revistae@sescsp.org.br) | Distribuição gratuita | Venda proibida

LÁ FORA | ALÉM DO CÉU DA BOCA | TRAÇOS DA HISTÓRIA | HERÓI DA LIBERDADE | AILTON KRENAK |  
SINAIS DE ALERTA | CUIDAR É PARA TODOS | ALICE SANT'ANNA | SÉRGIO DAMILA | ALESSANDRA GALVÃO

ISSN 2179907-5  
  
 0308  
  
 9 772179 907008





# Expos

Mostras abertas para visitação presencial e gratuita, mediante



**Sesc Pompeia**  
**FARSA. Língua, fratura, fic o: Brasil-Portugal**



**Sesc Interlagos**  
**Pasteur, o Cientista**

## Sesc Pompeia

### **Kader Attia - Irreparáveis Reparos**

Mostra individual do artista franco-argelino cuja produ o lida com repara o, p s-colonialismo, diásporas africanas e questões relacionadas a como essas marcas históricas são vividas e revistas entre as na es.

Curadoria: Carolin K chling

## Sesc Pompeia

### **FARSA. Língua, fratura, fic o: Brasil-Portugal**

Obras de artistas do Brasil e de Portugal examinam as rela es entre linguagem, arte, poesia, política, discrimina o e questões de gênero em contextos coloniais.

Curadoria: Marta Mestre e Pollyana Quintella (adjunta)

## Sesc Bom Retiro

### **Caipirismo: José Antonio da Silva e Jocelino Soares**

Universos culturais e sociais do interior paulista, através de um panorama vívido de paisagens, retratos, temas religiosos e alegóricos.

Curadoria: Od cio Visintin Rossafa Garcia e Romildo Sant'Anna

## Sesc Interlagos

### **Pasteur, o Cientista**

Organizada e concebida pela Universcience –  rg o do Ministério da Cultura da França –, conta a história de vida e os feitos do pesquisador francês Louis Pasteur.

Curadoria: Eric Lapie e Astrid Aron  
Curadoria científica: Maxime Schwartz  
Curadoria nacional: Juliana Manzoni Cavalcanti e Vanessa Pereira Mello (Fiocruz)

# ições

agendamento prévio online em [sescsp.org.br/exposicoes](http://sescsp.org.br/exposicoes)



foto: Gabriel Soares

## **Sesc Santos** **(Re)Inventar – Artistas Criadores**

### **Sesc Carmo** **Perambular**

Brincadeiras com palavras, poesias, quadrinhas, vídeos e sons que perambulam entre o Brasil, Portugal e o Atlântico.

Curadoria: Selma Maria e José Santos

### **Sesc Santo André** **Entre Bordas: Sons que Escapam**

Obras de Bruno Kurru, Paulo Nenflídio, Renan Marcondes, Sandra Cinto e Thomaz Rosa tratam da sutileza sonora da quietude, do poder enunciativo do que é som em potencial.

Curadoria: Paula Braga

### **Sesc Santos** **(Re)Inventar – Artistas Criadores**

A produção de 33 artistas populares de Pernambuco, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, do acervo do Museu Casa do Pontal (RJ).

Curadoria: Angela Mascelani



foto: Mirella Ghirardi

## **Sesc Sorocaba** **Entre Bits, Átomos e Afetos**

### **Sesc São Caetano** **Sala de Estar**

Recorte de obras do Acervo Sesc de Arte a partir de uma curadoria compartilhada com o público e de uma experiência de convívio com esses trabalhos.

Curadoria: Valquíria Prates

### **Sesc Taubaté** **#OcupaSacy**

A importância educativa do “reflorestamento de sacys” no imaginário popular, relacionando-se com o pensamento mítico, o sonho, a poesia e o brincar.

Curadoria: Rudá K. Andrade

### **Sesc Sorocaba** **Entre Bits, Átomos e Afetos**

Mesclando arquitetura, design, ciência, tecnologias digitais e emoções, as obras de Guto Requena convidam o público a experimentar empatia e afetividade.

Curadoria: Estúdio Guto Requena





### IMAGEM DA CAPA

A ilustração da capa desta edição é do projeto *100 Postais para o Futuro*, do Sesc Avenida Paulista. Dez artistas visuais da cidade de São Paulo foram convidados para expressarem sua visão do futuro de maneira poética, criando, cada um, uma série de dez obras que serão enviadas pelos Correios ao público. A imagem faz parte da série Paisagens, de autoria da ilustradora e quadrinista Marília Marz, com um particular interesse por trabalhos e narrativas que apresentem e discutam o protagonismo negro e tratem da relação entre indivíduo e cidade. Conheça todos os ilustradores deste projeto [aqui](#).

## Ações em prol do bem comum

O ano de 1946 marca a criação do Sesc – Serviço Social do Comércio, numa iniciativa do empresariado do comércio, serviços e turismo na promoção do bem-estar dos trabalhadores do setor, de seus familiares e da comunidade em geral. O contexto da época era configurado pelo pós-guerra: enquanto o mundo se recuperava das perdas e das dificuldades, estabelecia novos pactos sociais, nos quais estavam incluídos investimentos socioeconômicos e incentivos para o desenvolvimento urbano e a melhoria de vida da sociedade como um todo.

Ao longo destas sete décadas, a entidade tem contribuído para o aprimoramento da qualidade de vida, por meio de ações permanentes nos campos da cultura, do lazer, dos esportes, do turismo, da saúde e alimentação. São programações diversas realizadas nas unidades, em todo o estado, que promovem encontros, valorizam a pluralidade e proporcionam a formação integral do ser humano.

Cada momento da história apresenta um novo desafio, assim como o atual, no enfrentamento desta pandemia, no qual o Sesc mais uma vez se apresenta como parte integrante da comunidade na construção de ações articuladas e coordenadas, em prol do bem comum.

**ABRAM SZAJMAN**

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

App Store Google Play

Download gratuito para Android e iOS



## Lazer a céu aberto

A pandemia do novo coronavírus trouxe como consequência imediata a restrição à circulação a lugares públicos, para evitar a aglomeração. Tantos meses depois, percebemos a falta que nos faz o acesso aos parques e outras áreas verdes da cidade. Pouco a pouco, tomando os devidos cuidados e seguindo os protocolos de segurança, as pessoas começam a retomar atividades de lazer, optando por ambientes ao ar livre, como mostra reportagem da *Revista E*.

A busca pelo bem-estar, aliás, passa por diversos cuidados com a saúde, a começar pela higiene bucal, como alerta reportagem desta edição. Analisar as consequências da pandemia para a saúde mental é foco das pesquisas do médico psiquiatra André Brunoni, na seção *Entrevista*. Em *Depoimento*, o ambientalista e escritor Ailton Krenak fala sobre esperança compartilhada e coletividade. Na matéria *Gráfica*, obras do quadrinista Marcelo D'Salete, cujo trabalho rememora a ancestralidade negra. E ainda: *Perfil* do abolicionista Luiz Gama, cujos textos foram reunidos em obra lançada pelas Edições Sesc São Paulo. E, na seção literária, a poesia inédita de Alice Sant'Anna. Boa leitura!

**DANILO SANTOS DE MIRANDA**

Diretor do Sesc São Paulo



Adriana Vichi

Em **ENTREVISTA**, o médico psiquiatra da USP André Brunoni faz alerta sobre sintomas e cuidados com a saúde mental no contexto da pandemia **10**



Adriana Vichi

Com cuidados e medidas de segurança, o lazer volta ao mundo **LÁ FORA** em prol de benefícios ao corpo, à mente e ao bem-estar da população **16**



Milãza Augusto de Azevedo

No **PERFIL**, vida e obra do jornalista e abolicionista Luiz Gama, **HERÓI DA LIBERDADE**, na luta contra a escravidão **24**



Detalhe de Angolá Jarrá | Marcelo D'Salete

Na **GRÁFICA**, a arte na narrativa e nos traços do quadrinista Marcelo D'Salete, autor de HQs que contam a história de povos negros no Brasil **30**



Teatro em Cartum | Toni D'Apostolito

Além da higiene e de outros cuidados com dentes e gengivas, a **SAÚDE BUCAL** deve considerar o corpo de maneira integral **46**

DOSSIÊ	<b>7</b>
EM PAUTA   CUIDAR É PARA TODOS	<b>50</b>
ENCONTROS   SÉRGIO DÁVILA	<b>56</b>
DEPOIMENTO   AILTON KRENAK	<b>60</b>
INÉDITOS   ALICE SANT'ANNA	<b>62</b>
ALMANAQUE PAULISTANO	<b>66</b>
P.S.   ALESSANDRA GALVÃO	<b>68</b>



## #emcasacomsesc

Lives de música, teatro, dança, esportes e programação para crianças com artistas e atletas brasileiros. Todas as apresentações são realizadas ao vivo e posteriormente ficam disponíveis nos canais oficiais do Sesc SP no YouTube e no Instagram.

## Sesc<sup>tv</sup>

Séries, documentários e programas exclusivos fazem parte da programação gratuita, presente em operadoras de TV por assinatura e on demand em [sesctv.org.br](http://sesctv.org.br). Os programas e filmes abordam temas sociais, artes visuais, teatro, dança, arquitetura, música, esporte, lazer, sustentabilidade, filosofia, ciências sociais, pedagogia entre outros temas e linguagens da contemporaneidade.

## Sesc<sup>digital</sup>

Plataforma de conteúdos com mais de 10 mil itens, como áudios, vídeos, imagens e publicações que representam parte do acervo formado pelo Sesc São Paulo ao longo de seus mais de 70 anos. Dentre as seleções inéditas estão uma série de cursos livres no formato de ensino à distância e mostras de cinema com catálogo atualizado semanalmente.



[instagram/sescaovivo](https://www.instagram.com/sescaovivo)  
[youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)  
[sesctv.org.br](http://sesctv.org.br)  
[sesc.digital](http://sesc.digital)  
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)



# Memória em VINIL

NOVA SÉRIE DIGITAL  
CONTA A HISTÓRIA DE  
DISCOS ICÔNICOS DA  
MÚSICA BRASILEIRA

Poesia em letras e melodia giravam em rotações por minuto na vitrola de milhões de brasileiros até meados da década de 1990, quando os CDs passaram a vender mais que os LPs. Até então, o público ansiava pelo disco e também pela capa, outra arte concebida por designers e ilustradores. Hoje, raridade pertencente a colecionadores, sebos e discotecas (a exemplo da Discoteca Oneyda Alvarenga, no Centro Cultural São Paulo), álbuns icônicos da música brasileira têm suas histórias contadas pela nova série digital do Sesc São Paulo: *Muito Prazer, Meu Primeiro Disco*.

“Esse projeto é uma oportunidade de refletirmos sobre a nossa produção artística a partir da leitura atenta e cuidadosa de discos de estreia fundamentais que inscreveram marcas definitivas na música. Pelo olhar crítico de quem observa, mas também pela investida retrospectiva de quem visita a própria criação, cada edição desenha um arco sobre a canção brasileira e ajuda a contar nossa história”, explica Sarah Degelo, assistente de Música do Sesc Pinheiros.

PELO OLHAR  
CRÍTICO  
DE QUEM  
OBSERVA, MAS  
TAMBÉM PELA  
INVESTIDA  
RETROSPECTIVA  
DE QUEM VISITA A  
PRÓPRIA CRIAÇÃO,  
CADA EDIÇÃO  
DESENHA UM  
ARCO SOBRE  
A CANÇÃO  
BRASILEIRA  
E AJUDA A  
CONTAR NOSSA  
HISTÓRIA  
SARAH  
DEGELo,  
assistente  
de Música do  
Sesc Pinheiros

O projeto lança luz sobre os discos de início da carreira de artistas convidados, caso de Gilberto Gil, que no primeiro programa falou sobre seu álbum de estreia: *Louvação* (1967). O convidado compartilha o processo de criação e produção do álbum, faixa a faixa, bem como memórias afetivas. A série foi idealizada pelo jornalista e escritor Lucas Nobile, também curador do projeto, ao lado do musicólogo e jornalista Zuza Homem de Mello, que morreu no dia 4 de outubro.

“Zuza Homem de Mello é certamente personagem central nesse contexto. Em toda a sua obra, construiu um pensamento comprometido com a música e sua história. Pouco antes de nos deixar, assinou a curadoria deste projeto ao lado de Lucas Nobile e afirmou, uma vez mais, a inequívoca contribuição de seu legado. Somos gratos ao tempo por nos ter permitido esse encontro valioso”, acrescenta Sarah Degelo.

Em novembro, *Muito Prazer, Meu Primeiro Disco* recebe Chico Buarque. A série está disponível nas redes sociais do Sesc São Paulo, no [canal do YouTube do Sesc Pinheiros](#) e na plataforma do Sesc Digital.



Mariana Souto

## EXISTÊNCIA + RESISTÊNCIA

No mês de encerramento da programação *Do 13 ao 20 (Re) Existência do Povo Negro*, o destaque fica por conta do encontro *(Re)Existência do Povo Negro – Cura e Celebração*, com **Ebomi Cici**, liderança religiosa de matriz africana e uma das mais importantes contadoras de história da cultura afro-brasileira no país; Erica Malunguinho, educadora e política; e Renato Renato Nogueira, filósofo e professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O bate-papo realizado pelo Sesc Ideias será transmitido no dia 5/11, às 16h, no canal do YouTube do Sesc São Paulo. A atividade faz parte da segunda edição dessa ação em rede, que tem como objetivo fomentar reflexões e produções artísticas e culturais negras. Saiba mais: [www.sescsp.org.br/programacao/189681\\_DO+13+AO+20+REEXISTENCIA+DO+POVO+NEGRO](http://www.sescsp.org.br/programacao/189681_DO+13+AO+20+REEXISTENCIA+DO+POVO+NEGRO)

## PRÊMIO DE ARQUITETURA

O Sesc 24 de Maio recebeu o prêmio International Urban Project Award IUPA 2020, no dia 30 de outubro. Com projeto de Paulo Mendes da Rocha e do escritório MMBB Arquitetos, a unidade é reconhecida pelo seu desenho e pela importância de sua atuação no Centro da capital paulista. Em sua segunda edição, o prêmio é uma iniciativa das revistas *Bauwelt*, de Berlim, e da *World Architecture WA*, de Pequim.



Liligo Produções

## ESTREIAS NO SESCTV

Poesia e artes visuais dão o tom às estreias de novembro do SescTV. Exibido a partir do dia 14/11, às 22h, o documentário *Maria Não Esqueça Que Eu Venho dos Trópicos* (2017), de Francisco C. Martins e Elisa Gomes, conta a trajetória da artista mineira Maria Martins (1894-1973), a primeira escultora brasileira a tratar da sexualidade a partir da perspectiva feminina. E no dia 27/11, às 23h, o longa-metragem *Cruz e Sousa – Poeta do Desterro* (1998), de Sylvio Back, costura vida e obra desse grande nome da poesia simbolista brasileira que expôs sua luta pelos povos negros. Confira a programação: [www.sesctv.org.br](http://www.sesctv.org.br).

## FESTIVAL MIX EM CASA

Além dos filmes selecionados pela curadoria do CineSesc, na série *Cinema #EmCasaComSesc*, o Sesc Digital exhibe em novembro alguns dos títulos que fazem parte da 28ª edição do Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade. Na programação, destaque para as produções brasileiras *Meu Nome É Bagdá* (2019), de Caru Alves de Souza, e *Para Onde Voam as Feiticeiras* (2020), de Eliane Caffé, Carla Caffé e Beto Amaral. Realizado há mais de duas décadas, o festival Mix Brasil propõe reflexões sobre sociedade, gênero e direitos. Confira: [www.sescsp.org.br/festivalmixbrasil](http://www.sescsp.org.br/festivalmixbrasil) (os filmes ficam por tempo determinado na plataforma do Sesc).



Divulgação





Dhí Lemos

Com agendamento prévio pela internet, unidades do Sesc passam a receber visitas presenciais a suas exposições. No Pompeia, o visitante pode ver as mostras *FARSA. Língua, Fratura, Ficção: Brasil-Portugal e Kader Attia – Irreparáveis Reparos* (foto). No final do mês, o 24 de Maio abre a exposição *Infinito Vão: 90 Anos de Arquitetura Brasileira, e Piracicaba*, a 15ª edição da Bienal Naífs do Brasil.

## TREINO COM CAMPEÕES

De maneira lúdica e estimulante, a série *Esporte #EmCasaComSesc* mostra o dia a dia de preparo físico de atletas brasileiros, também convidados a compartilhar um treino elaborado em parceria com educadores de atividades físicas do Sesc São Paulo. Transmitida todo domingo, às 11h, a série convida iniciantes e praticantes a experimentar uma nova rotina de exercícios. Em novembro, participam as jogadoras de vôlei de praia Bárbara Seixas e Carol Horta (1º/11), a jogadora de futebol Alessandrinha (8/11), o corredor André Domingos (15/11), o nadador paralímpico Daniel Dias (22/11) e a skatista Pâmela Rosa (29/11). Acesse a programação no [YouTube do Sesc São Paulo](#) ou no [Instagram do Sesc Ao Vivo](#).

## PAPEL SOCIAL DA ARTE

Neste mês, dois webdocs da atividade *Teatro e Ação Social* serão exibidos no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#). Filmados pelo coletivo audiovisual TEIA Documenta, as produções trazem grupos teatrais contando como formaram suas sedes e de que modo suas criações valorizam a função social da arte e do teatro. No primeiro episódio, dia 10/11, o ator Marcos Felipe, da Cia. Mungunzá, junta-se a representantes do coletivo Tem Sentimento, ONG Mulheres da Luz e da Casa do Povo para falar sobre o projeto independente *Vizinhança Unida*.

TEIA Documenta / Imagem do Coletivo Tem Sentimento



Coletivo Tem Sentimento





# SINAIS DE ALERTA

MÉDICO PSIQUIATRA CHAMA A ATENÇÃO PARA ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO ATUAL CENÁRIO E COMENTA PESQUISA QUE IRÁ COMPARAR A SAÚDE ANTES E APÓS A PANDEMIA

Não foi só a rotina que mudou com a pandemia. Com ela, muitos hábitos que regulavam o dia a dia e a saúde das pessoas se transformaram. Como o costume de acordar e dormir no mesmo horário, de sair de casa para trabalhar, para se exercitar ou para socializar com familiares e amigos. A casa se tornou escritório, escola, academia, espaço de lazer etc. Consequentemente, a rotina perdeu seu trono. Mais irritados, menos tolerantes, mais carentes, menos pacientes: as emoções estão à flor da pele. Professor do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), o médico psiquiatra André Brunoni observa um crescimento ou agravamento de casos de transtornos de ansiedade e de depressão. Ele ainda faz um alerta para uma futura onda de transtornos mentais pós-pandemia. A fim de compreender esse cenário e alterações na saúde nos últimos 12 anos, Brunoni coordena um grupo de pesquisadores de todo o país que fazem parte do *Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto – Elsa Brasil*. Ainda em andamento, a pesquisa monitora, desde 2008, a saúde de 15 mil funcionários de universidades públicas e centros de pesquisa das regiões Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil. Dessa forma, será possível analisar de maneira contundente a saúde da população. “O Elsa não foi desenhado especificamente para uma condição. Então, ele analisa doenças cardiovasculares, câncer, diabetes; enfim, faz um acompanhamento da pessoa, de seu estilo de vida, entre outras coisas. E, com a pandemia, colocamos a saúde mental em perspectiva”, explica.

### Do que trata a pesquisa Elsa Brasil?

Trata-se de um estudo longitudinal que começou em 2008 com pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Acompanhamos 15.105 pessoas, funcionários públicos da universidade, pessoas estáveis numa empresa, por ser uma pesquisa de longo prazo. Ou seja, depois de cinco ou dez anos essas pessoas estariam no mesmo emprego, na mesma cidade e país. Pessoas de idades variadas, dos 35 aos 74 anos. Hoje, 12 anos depois, esse estudo foi desenhado para observar doenças crônicas. Apesar de muitos não pensarem dessa maneira, as doenças mentais são doenças crônicas, elas têm todas as características de doenças crônicas: acontecem ao longo da vida, não têm um tratamento 100%, há épocas de melhora e de piora. O Elsa não foi desenhado especificamente para uma condição. Então, ele analisa doenças cardiovasculares, câncer, diabetes; enfim, faz um acompanhamento da pessoa, de seu estilo de vida, entre outras coisas. E, com a pandemia, colocamos a saúde mental em perspectiva.

### Nesse caso, o que já observaram de diferente na pandemia?

Estudos mostraram uma associação da quarentena e do distanciamento social com sintomas de ansiedade e depressão. Aí veio essa ideia de que haveria uma chamada “quarta onda” dos transtornos mentais [*peçoas que não tinham transtornos mentais passariam a ter*]. Mas, apesar dessa possibilidade, isso não ficou claro com base nesses estudos, porque ninguém garante que os sintomas de ansiedade e os sintomas de depressão se tornarão as doenças depressão e ansiedade. Podem ser apenas episódios. Fazendo uma analogia: a pressão pode aumentar, mas pode não ser uma hipertensão. Ou o açúcar no sangue pode aumentar, mas nem sempre vira diabetes. Da mesma maneira, num momento de incertezas, as pessoas ficam mais ansiosas, não dormem bem e isso é normal. Aliás, seria bem estranho que alguém ficasse tão dissociado a ponto de não ter nenhum tipo de repercussão. Então, há uma instabilidade, mas a gente não sabe o que vai acontecer depois. Pode ser que piores os transtornos mentais, pode haver uma onda, e quando se fala em onda, se fala naquela ideia específica de: quem não tinha transtorno mental passa a ter. Isso seria a onda. Agora, se ficar estável, um platô, então é algo que precisa ser estudado melhor. Será que não teve uma onda? Será que um subgrupo de pessoas piorou, mas outro subgrupo de pessoas melhorou? É isso que a gente quer avaliar e por isso a gente acompanha essas pessoas ao longo da pandemia.

## A ANSIEDADE É UM COMPORTAMENTO NORMAL, MAS O TRANSTORNO DE ANSIEDADE É OUTRA COISA

### Um diferencial do estudo é que ele já está em andamento há 12 anos.

#### O que isso pode trazer em resultados?

É importante saber como esse grupo de pessoas (que faz parte da pesquisa) estava antes da pandemia. Porque a gente já sabe que aquele e aquela que têm transtorno mental tendem muito mais a ter a saúde mental debilitada na quarentena do que pessoas que não têm. Com base no relato de psiquiatras, percebeu-se que nesse caso houve uma piora. Só não confirmamos isso ainda no nosso estudo. Mas de uma maneira geral, no Elsa, a gente viu que 75% das pessoas não têm transtorno mental, que 25% têm e que os transtornos variam de uma ansiedade mais fácil de lidar até um quadro mais grave: há aí um grande espectro. Os transtornos mentais são vários, mas os mais comuns são os transtornos depressivos e os transtornos ansiosos.

### Podemos dizer que a ansiedade é algo comum da nossa constituição, da nossa sociedade?

A ansiedade é um comportamento normal, mas o transtorno de ansiedade é outra coisa. O principal sintoma desse transtorno é uma ansiedade que a gente chama de patológica. Ela é uma ansiedade paralisante, que impede a pessoa de fazer as atividades dela. É algo que acontece a maior parte do tempo e não só no momento de maior estresse. Não há um único sintoma. Há sintomas como insônia, tensão muscular, irritabilidade. E, fora isso, há ansiedades específicas, como o transtorno de pânico e as fobias, como a fobia social, outros transtornos que estão nesse espectro. Da mesma maneira, no caso dos transtornos depressivos há outro sintoma além da depressão. Como a falta de prazer em coisas que antes eram consideradas prazerosas, alterações no sono, no apetite, pensamentos de culpa.



### O que seria essa falta de prazer?

Falta de prazer em fazer coisas que antes eram prazerosas. Se a pessoa não gosta de ir ao trabalho, isso não é um sintoma, ela não gosta, mas se ela gosta de ver jogos de futebol na tevê e ela não quer mais ver as partidas, não tem mais interesse nisso, ou senta na frente da tevê e não se conecta com aquilo que antes lhe dava prazer, aí sim, há o sintoma. O nome técnico desse sintoma é anedonia.

### Quanto ao sono, na capital paulista, é comum encontrar pessoas com problemas para dormir por várias razões. Essa pandemia, de maneira geral, está agravando esse quadro?

Esse é um sintoma que a gente vai analisar no estudo. Lembrando que o diagnóstico não é baseado apenas em um sintoma. Há sempre um conjunto de sintomas que conduzem a um diagnóstico. Isso porque os sintomas, individualmente, podem fazer parte de muitos transtornos, como a insônia. Pode ser uma insônia primária, influenciada por fatores ambientais, pelo barulho no bairro, ou porque a pessoa trabalha à noite e precisa dormir de dia e isso desregula o ciclo vigília/sono. Ou pode ser uma insônia secundária, e aí também há várias causas, mas a maior parte é psiquiátrica. Então, quer dizer, um sintoma só não faz um diagnóstico, é sempre um conjunto de sintomas.

### O isolamento social provocou uma mudança de rotina. Começa-se a trabalhar em casa, quando antes as pessoas saíam pela manhã para voltar à noite. O que já dá para observar desse cenário em que há uma pressão externa do trabalho, da economia, e a pressão interna, da própria situação emocional, da casa?

É isso que queremos entender. Se tiver um transtorno de saúde mental, qual é a principal razão? E como a gente está acompanhando um grupo grande de pessoas, conseguimos ter desde a pessoa com um filho pequeno e que perde o emprego, ou aquela que já trabalhava no escritório e que considera melhor o *home office* para não acordar cedo nem pegar trânsito. São muitas variáveis.

A gente ainda não analisou nossos dados, mas já estão saindo alguns estudos longitudinais. Por exemplo, um grande estudo inglês já mostrou que não houve uma onda generalizada (de transtornos de saúde mental), mas um grupo específico afetado: mulheres com filhos pequenos. Parece que, pelo menos nesse estudo inglês, a principal sobrecarga foi das mulheres que acumulam a função de cuidar dos filhos pequenos e de trabalhar.

### Há também outra questão como o aumento de divórcios provocado por esse isolamento social. O que isso quer dizer?

Lembro a frase clássica do filósofo Jean-Paul Sartre: “O inferno são os outros”. Essa é justamente a frase e a temática da peça [Entre Quatro Paredes, escrita por Sartre em 1944] sobre quatro pessoas presas dentro de casa. Em algum momento, elas percebem que já morreram e o inferno é ficar o tempo todo convivendo umas com as outras. Parece que o ser humano, ainda que um animal social, e que tenha um companheiro ou companheira, tem uma necessidade além disso. Não sei dizer se o divórcio é a melhor solução, ou se o casamento já não estava bem e a quarentena precipitou a separação. O que a gente sabe é que, em São Paulo, a maioria das pessoas vive em espaços pequenos. Então, imaginar um casal e crianças convivendo nesse mesmo espaço, sem a possibilidade de sair, provoca estresse.

ESTUDOS  
MOSTRARAM UMA  
ASSOCIAÇÃO DA  
QUARENTENA E DO  
DISTANCIAMENTO  
SOCIAL COM  
SINTOMAS  
DE ANSIEDADE E  
DEPRESSÃO

### Hoje a tecnologia também está levando ao estresse. Há quem não suporte mais fazer videochamadas ou se comunicar por aplicativos etc. Do ponto de vista de saúde mental, o que isso gera ou vai gerar na sociedade?

Essa é uma bomba-relógio. As pessoas não aguentam mais tanta tecnologia e podem desenvolver, num determinado momento, algum transtorno mental. Até por isso, propõe-se que esta “quarta onda” não seja imediata, mas que apareça depois de alguns meses da quarentena. Isso de ficar em múltiplas telas precisa ser considerado. A gente sabe de algo que é da nossa biologia: é muito mais cansativo para o cérebro fazer interações num ambiente bidimensional, digamos assim. Por mais avançada que seja a tecnologia, você ainda está sentado, olhando para uma luz que vem de trás e que vai cansando.

Muito diferente do ambiente real, tridimensional. Exemplo: numa videochamada com várias pessoas, você escuta o que falam, escuta ao longe um cachorro latindo, um barulho do outro etc. Prestar atenção em cinco, seis ambientes diferentes, além do ambiente em que você está, cansa.

**Por conta dessas diferentes telas e estímulos, estamos mais distraídos e menos atentos também?**

Exato. É a multitarefa: você está numa videochamada, ao mesmo tempo, manda uma mensagem e lê um e-mail. Vai acontecendo tudo de forma contínua. Claro que pegar trânsito não é bom, mas quando se tem um dia a dia com uma rotina, com o processo de acordar, de se vestir e sair de casa, é como se você fosse se preparando e preparando seu cérebro para o trabalho. Diferentemente de um momento de videochamada, em que você ainda está de pijama, não tomou café e, enfim, não preparou seu cérebro para começar. Isso é estressante.

**Mudar a rotina e hábitos traz transtornos?**

É aquilo que Daniel Kahneman [*prêmio Nobel de Economia*], autor de *Rápido e Devagar – Duas Formas de Pensar* (Objetiva), fala: o pensar rápido é um pensamento automático relacionado à rotina. Você não precisa pensar, na verdade, tanto que, na rotina, às vezes você nem lembra, ao chegar ao escritório, o que você fez até chegar lá, o que tomou no café da manhã, por exemplo. É automático. Agora, quando você sai dessa rotina, você tem que pensar o tempo todo no que vai fazer. Isso também é cognitivamente mais demandante.

**A diferença social e econômica traz para cada grupo distintos transtornos de saúde mental?**

A questão socioeconômica, sem dúvida, até em tempos de pré-pandemia, é um determinante. Participei de um encontro em novembro do ano passado que falava a respeito. O que acontece é que, às vezes, a gente fica estudando a ressonância do cérebro ou uma determinada molécula, faz-se o diagnóstico disso e daquilo, mas, até hoje, a maneira mais fácil de fazer um diagnóstico de transtorno mental é fazendo perguntas sobre o nível socioeconômico. Em outras palavras, é um preditor. Dando um exemplo, para alguém num nível socioeconômico mais baixo, você pode multiplicar por três o risco de desenvolver um transtorno mental. Por isso, no Elsa fazemos perguntas como: qual o tamanho da sua casa, qual a metragem, qual sua fonte de renda, entre outras questões.

**Outro aspecto constatado pelo *home office* na pandemia é que muitas pessoas estão trabalhando mais, por isso sobra menos tempo para si. Esse cenário também gera problemas de saúde?**

UM GRANDE ESTUDO INGLÊS  
JÁ MOSTROU QUE NÃO HOUVE  
UMA ONDA GENERALIZADA  
(DE TRANSTORNOS DE SAÚDE  
MENTAL), MAS UM GRUPO  
ESPECÍFICO AFETADO: MULHERES  
COM FILHOS PEQUENOS

Sim. Há pessoas que estão trabalhando mais e parece que os aplicativos derrubam essa fronteira entre trabalho e descanso em casa, até porque o trabalho acontece em casa. Isso é outro fator, mas a gente sabe que a sobrecarga no ambiente de trabalho também está relacionada a um baixo controle sobre as demandas. Então, quando alguém trabalha muito e tem baixo controle sobre o que está trabalhando, isso gera um estresse ocupacional, inclusive.

**Vemos um aumento no número de pessoas que vivem constantemente o medo do contágio e o medo de sair de casa. Como identificar e lidar com esses e outros medos durante a pandemia?**

São diferentes manifestações dos transtornos de ansiedade. Um deles é o transtorno de ansiedade generalizada, não focada, e há as ansiedades direcionadas. Como você falou, de fobias simples às mais complexas. O medo de contaminação também é entendido como parte do espectro do transtorno de ansiedade. Mas o caso de quem se preocupa com a limpeza e higiene da casa, dos alimentos, das roupas é diferente de quem apresenta um Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), porque nesse caso a pessoa tem pensamentos obsessivos e rituais compulsivos. Para ter um diagnóstico, deve-se buscar um psiquiatra, um psicólogo, um profissional de saúde mental. Entre todos os transtornos mentais comuns nem sempre há uma barreira clara entre o que é comum e o que é patológico. Não há esse ponto de corte claro, e sim um espectro. E, para começar a suspeitar, é preciso observar quando esse tipo de distúrbio começa e se ele é incapacitante ou





paralisante. Se a pessoa sente que isso está acontecendo, já acendeu o sinal amarelo para buscar ajuda.

#### **Pode dar um exemplo?**

A pessoa fica com tanto medo de sair de casa que não sai de casa nem numa situação absolutamente necessária, mesmo podendo controlar o risco. Aí é excessivo. Outra questão é se isso acontece com recorrência. A pessoa pode estar meio obsessiva, no sentido leigo, de chegar em casa, lavar as roupas, tomar banho, cuidar da higiene, mas depois ela relaxa. Agora, se ela não relaxa, se volta a limpar o que já limpou e só pensa nisso, aí já é algo que nos mostra que essa pessoa precisa de ajuda.

#### **Que cuidados podemos tomar para preservar nossa saúde mental?**

Para a maior parte dos transtornos mentais, sabemos que uma dieta saudável e equilibrada faz com que a produção de hormônios, de aminoácidos e de neurotransmissores, por exemplo, fique num nível aceitável. Exercício físico também ajuda a

A GENTE VAI SAIR  
DESSA, ASSIM  
COMO AS GUERRAS  
UMA HORA  
ACABAM. NÃO  
PODEMOS PERDER  
A ESPERANÇA

liberar hormônios e substâncias que favorecem a saúde mental. Outra coisa é dormir e acordar sempre no mesmo horário, pois sabemos que distúrbios do sono desregulam muito a saúde. Por exemplo, quando a pessoa não dorme direito, no dia seguinte ela fica irritada, mal-humorada. Agora, imagine alguém que chuta o balde na quarentena e esquece de dormir e acordar no mesmo horário? Essa pessoa corre ainda mais o risco de desenvolver um transtorno mental e, se ela já o tinha, corre o risco de piorar. Outra dica é lembrar que cada um tem uma necessidade e seu tempo.

Agora que estamos tendo uma certa flexibilização para sair de casa por algumas horas, é possível ir a algum parque, encontrar algum amigo. Aproveitar que os parques estão abertos durante a semana e que, se não existe fronteira entre descanso e trabalho, é possível se programar em horários alternativos. A questão é não descuidar das medidas de prevenção (contra o novo coronavírus). Outra coisa: nada dura para sempre. A gente vai sair dessa, assim como as guerras uma hora acabam. Não podemos perder a esperança. ■



# Lá fora

BRINCAR, LER,  
CAMINHAR E  
REALIZAR OUTRAS  
ATIVIDADES AO AR  
LIVRE GANHARAM  
AINDA MAIS VALOR NA  
PANDEMIA





Tomando os cuidados necessários, fazer caminhadas em espaços ao ar livre e arborizados promove inúmeros benefícios físicos e mentais para todas as idades



**D**entro de casa por mais de seis meses, tivemos que nos ajustar e reorganizar espaço e tempo para tarefas, trabalho e lazer entre quatro paredes. Sentimos falta de conviver com amigos e parentes, mas também de frequentar locais a céu aberto. De fitar um passarinho ou sentir o vento no rosto e pisar os pés na terra molhada. Hoje, sem abandonar os cuidados necessários para evitar a contaminação pelo coronavírus, podemos, aos poucos, sair de casa e reaprender a habitar o mundo lá fora. Afinal, visitar espaços ao ar livre e arborizados, como parques e praças, promove inúmeros benefícios físicos e mentais para todas as idades (*leia Entrevista com o médico psiquiatra da Universidade de São Paulo André Brunoni*). Nesses lugares, voltamos a conviver uns com os outros e a nos expressar pela brincadeira, pela prática esportiva e pela arte.

Para a coordenadora do projeto Criança e Natureza, Laís Fleury, do Instituto Alana — organização sem fins lucrativos que promove o direito e o desenvolvimento integral da criança —, a experiência da pandemia provocada pela Covid-19 trouxe muitas reflexões e uma forte percepção da falta que sentimos do contato com o espaço aberto e a natureza. “Logo após a flexibilização do isolamento social, foi notável a busca das pessoas pelos benefícios dos espaços livres, onde se pode ter algum tipo de convívio social com mais segurança, ressaltando a importância dos parques, praças e outros espaços públicos urbanos”, observa. Afinal, destaca Fleury, “a natureza é mais do que algo que promove bem-estar, ela é uma necessidade”.

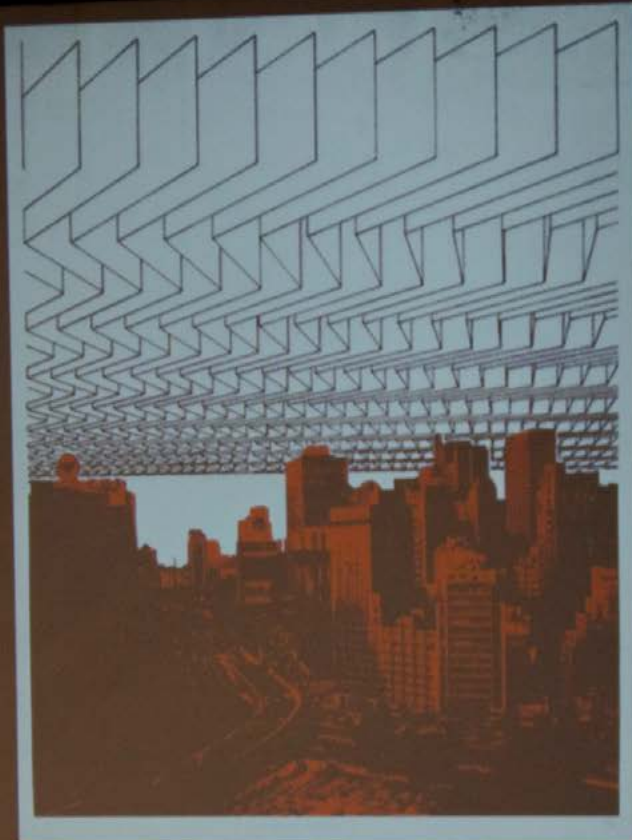
“Estudos recentes apontam que ambientes ricos em natureza, incluindo praças, parques e espaços livres para o brincar, ajudam na promoção da saúde física, mental e no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, motoras e emocionais das crianças”, explica. Dessa forma, locais com árvores, flores e outros tipos de vegetação são espaços de saúde que possibilitam a brincadeira, a convivência social e a interação com a natureza, “onde as crianças se exercitam, se desenvolvem e criam uma relação afetiva com a cidade”, complementa.

Para os adultos também é essencial a “vitamina N de Natureza”, termo cunhado pelo pesquisador norte-americano Richard Louv, autor de livros sobre o conceito de Transtorno de Déficit de Natureza. No Japão, por exemplo, faz parte da rotina o “banho de floresta”, em japonês, “Shinrin-yoku”, termo criado pelo ministro da Agricultura, Floresta e Pesca em 1982.



Karina Barci





↑ Regina Silveira (Porto Alegre, RS, 1939)

*Destruturas urbana 8, 1976*

Serigrafia sobre papel, 59,5 x 45 cm

Coleção MAM, patrocínio Petrobras

**mam**

@mam  
#mam

Ação do Museu de Arte Moderna de São Paulo levou arte para espaços externos: na foto, projeção de obra do acervo do MAM em empena de prédio no centro da capital

Os estudos dos efeitos fisiológicos desse hábito foram conduzidos por um grupo de pesquisadores da Universidade de Chiba e publicados no periódico *Environmental Health and Preventive Medicine*, em 2010. Entre eles, estão: a diminuição da pressão arterial e a redução dos níveis de cortisol (hormônio do estresse) no sangue. Da mesma forma, em uma grande cidade como São Paulo, incorporar esse contato com locais arborizados traria ótimos resultados à saúde física e mental.

## Arte por toda a parte

Poder contemplar a natureza ou interagir nesses ambientes a céu aberto se somam a outro tipo de experimentação. Dessa vez, da arte. Ruas, empenas de prédios, praças e tantos outros espaços públicos transformaram-se em telas e suportes para a criação e fruição artística. Quando museus e galerias fecharam as portas — ou mesmo agora, enquanto o retorno é gradual —, iniciativas ocupam o mundo lá fora.

Esse foi o caso do Museu de Arte Moderna (MAM), que, em uma ação chamada MAM na Cidade, realizada em agosto, distribuiu painéis de reproduções de obras artísticas em 140 pontos de ônibus da cidade, também projetadas em empenas de prédios no centro da capital paulista. Aos passantes, não só o concreto dos mobiliários urbanos, mas os traços da pintora Tarsila do Amaral (1886-1973), o olhar da fotógrafa Maureen Bisilliat (*leia Depoimento publicado na Revista E*) e a criação de outros 14 artistas cujas obras fazem parte do ▶

## ao passear na rua...

- Use sempre a máscara e leve uma sobressalente, caso haja necessidade de trocá-la
- Preserve um distanciamento de, ao menos, 1,5 m de outras pessoas
- Leve e utilize o álcool em gel para higienização
- Lembre-se: cuidar de si é cuidar dos outros

Protocolos estabelecidos pelos órgãos públicos a partir das diretrizes da Organização Mundial da Saúde - OMS

# Solte a imaginação

ADAPTAR AÇÕES PARA AMBIENTES EXTERNOS ESTIMULA A CRIATIVIDADE E PROPORCIONA NOVAS INTERAÇÕES

Ajustar nosso olhar sobre outras formas de experimentar áreas públicas arborizadas do bairro se tornou imprescindível no atual contexto. Agora, é preciso libertar a criatividade e adaptar atividades costumeiramente realizadas em ambientes fechados. Vale montar um clube do livro na praça, contemplar uma intervenção artística numa parada de ônibus ou assistir a uma apresentação de balé nas ruas. Confira algumas iniciativas e sugestões para se inspirar.





## Dança

Iniciativa da bailarina japonesa Chisato Katsura, que faz parte do Royal Ballet da Royal Opera House em Londres, o projeto [DistDancing](#) levou aos moradores da cidade apresentações de balé clássico e contemporâneo de julho a setembro. As performances eram anunciadas no dia, pelo perfil do Instagram, para evitar aglomerações. Para Katsura, transformar a rua em palco foi a forma que ela e outros bailarinos encontraram de se apresentar e de levar a dança para um público que nunca foi ao teatro ou teve contato com o balé.



DistDancing / Andrej Uspenski / dancersdiary on Instagram



Pixabay

## Clube do livro

Que tal reunir seu grupo de leitura à sombra de uma árvore? O encontro pode ser marcado numa praça e convidar cada participante a trazer seu livro, o próprio tapete e a vontade de compartilhar suas ideias acerca da obra literária escolhida para imersão do mês. Com todas as medidas e cuidados necessários, uma grande roda é formada para que todos compartilhem presencialmente suas opiniões sobre personagens e narrativas com os pés na grama.



Felipe Morozini

## Intervenção artística

Vídeos projetados em empenas de prédios, poesias pintadas em asfaltos, obras de arte em pontos de ônibus. Artistas vêm encontrando outros suportes para se expressarem e alcançarem o público neste momento. Por exemplo, no final de outubro, durante a Virada Sustentável, o artista Felipe Morozini levantou a reflexão sobre a necessidade de espaços verdes em grandes cidades e a preservação dos biomas brasileiros. Na ocupação urbana *Eu Era Outra Selva*, o artista distribuiu 180 guarda-sóis com estampas de árvores e três balões infláveis (pássaro, mico-leão-dourado e lobo-guará) ao longo do Minhocão, no Centro da capital paulista.





Adriana Vichi

Depois de seis meses de Zoom, o bailarino Ângelo Madureira criou o projeto Encontros Dançantes nas Praças para os alunos se movimentarem em contato com a natureza

► acervo do museu. Uma forma de experimentar e refletir sobre a arte a partir de uma nova dinâmica social, disse à imprensa, na ocasião, o curador do MAM, Cauê Alves.

## Corpo livre

Para além das artes visuais, a dança também encontrou outro “palco” em espaços abertos. Depois de seis meses na plataforma de videochamada *Zoom*, o bailarino pernambucano Ângelo Madureira, que realiza há mais de 20 anos em São Paulo um trabalho e metodologia baseados em danças populares, pensou com seus alunos numa estratégia para os encontros presenciais. Algo que só seria possível se feito de maneira segura para todos. Em setembro, tiveram a ideia de se reunirem uma vez por semana em uma praça.

“A dança vem salvando as pessoas nessa pandemia. Não precisa ser bailarino. É de extrema importância as pessoas terem acesso à dança e ao dançar, não como mera preservação da dança (como linguagem artística), mas também para o corpo”, explica o bailarino. “Foi boa a experiência com a tecnologia, não acho que ela deva terminar, mas agora que podemos nos reencontrar com todo o cuidado, claro, temos outro tipo de troca.”

Com o nome de *Encontros Dançantes nas Praças*, o projeto tem “a simplicidade potente do encontro para dançarmos juntos”, define. Tem cachorro latindo ao fundo, enquanto na caixa de som músicas populares e do mundo reverberam nos passos de um grupo pequeno de alunos que pisam a terra vermelha. A dois metros de distância e de máscara, todos seguem as orientações de Madureira para se observarem, se movimentarem e se apropriarem de seus corpos e movimentos espontâneos.

“Vejo nos olhos que estão sorrindo. Ou seja, essa relação com a natureza, aos sábados, está nutrindo o grupo e energizando nossa semana”, celebra o bailarino, cocriador do Grupo Ângelo Madureira e Ana Catarina Vieira, que apresentou o espetáculo *Outras Formas* pelo Dança #EmCasaComSesc [no canal do YouTube do Sesc São Paulo](#).

Longe de holofotes cerrados entre quatro paredes, as artes visuais, a dança e outras linguagens se ocupam de lugares abertos como forma de existir e de inspirar pessoas de todas as idades. “Dançar, cantar, fazer poesia, se encontrar para contar histórias, tocar um instrumento... A arte faz parte do processo evolutivo do ser humano. Por isso é tão importante encontrarmos estratégias para nos encontrar”, assinala Madureira. ■



# Verde que te quero

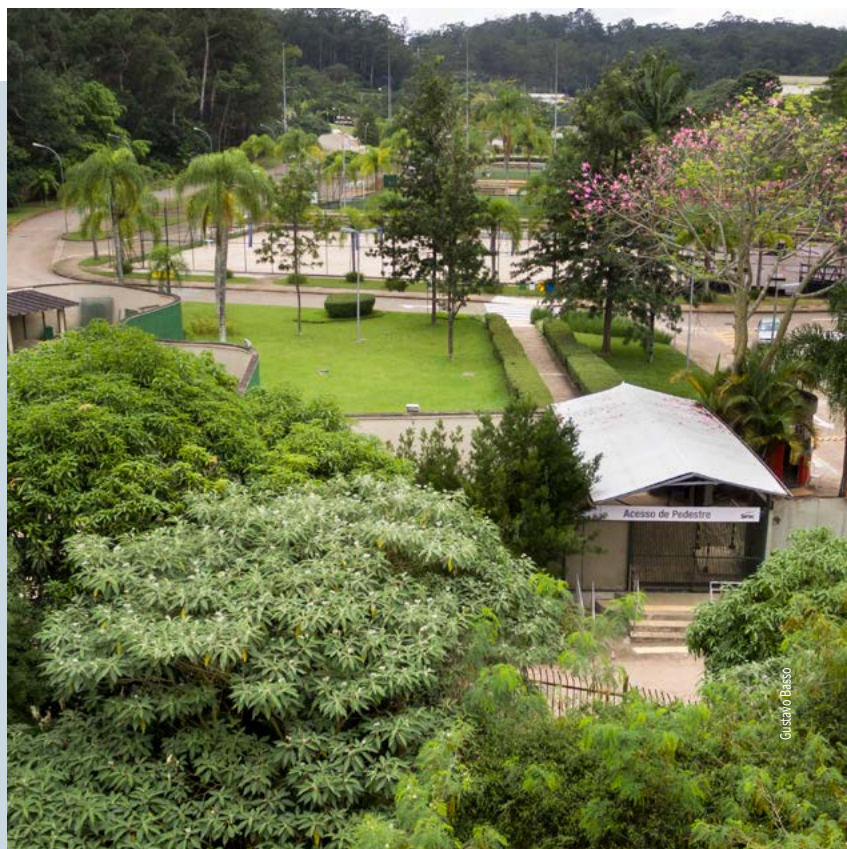
TOMAR SOL E ANDAR  
EM MEIO À NA NATUREZA  
JÁ É POSSÍVEL COM  
A ABERTURA GRADUAL  
DE ESPAÇOS DE LAZER

O processo de retomada de atividades presenciais do Sesc São Paulo segue tanto o Plano São Paulo, estabelecido pelo governo estadual, como as determinações das prefeituras municipais. As visitas espontâneas às unidades continuam suspensas, à exceção de Itaquera e Interlagos. Neste momento, o Sesc Itaquera e o Interlagos funcionam de quarta a sexta, das 10h às 16h, com capacidade limitada.

O Sesc mantém áreas verdes em suas unidades com várias características e tamanhos; em Bertioga, Interlagos e Itaquera estão as maiores do estado.

Em meio a quintais, jardins, canteiros, bosques e praças, são desenvolvidas diversas atividades, dentre as quais o Florestar: áreas verdes educadoras. “A intenção é estimular o contato com a natureza e provocar a percepção das pessoas do quão importante é a existência desses espaços, dentro de casa, na rua, no bairro e na cidade”, afirma Denise Minichelli Marçon, assistente da Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc.

Nas unidades Itaquera e Interlagos, por enquanto, estão disponíveis somente as áreas verdes para práticas como corrida, caminhada e banho de sol. É preciso manter o distanciamento físico e a entrada só será permitida com o uso de máscara e após a aferição da temperatura corporal. Antes de ir, consulte as unidades. Mais informações nas redes sociais e no portal do Sesc São Paulo: [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br).



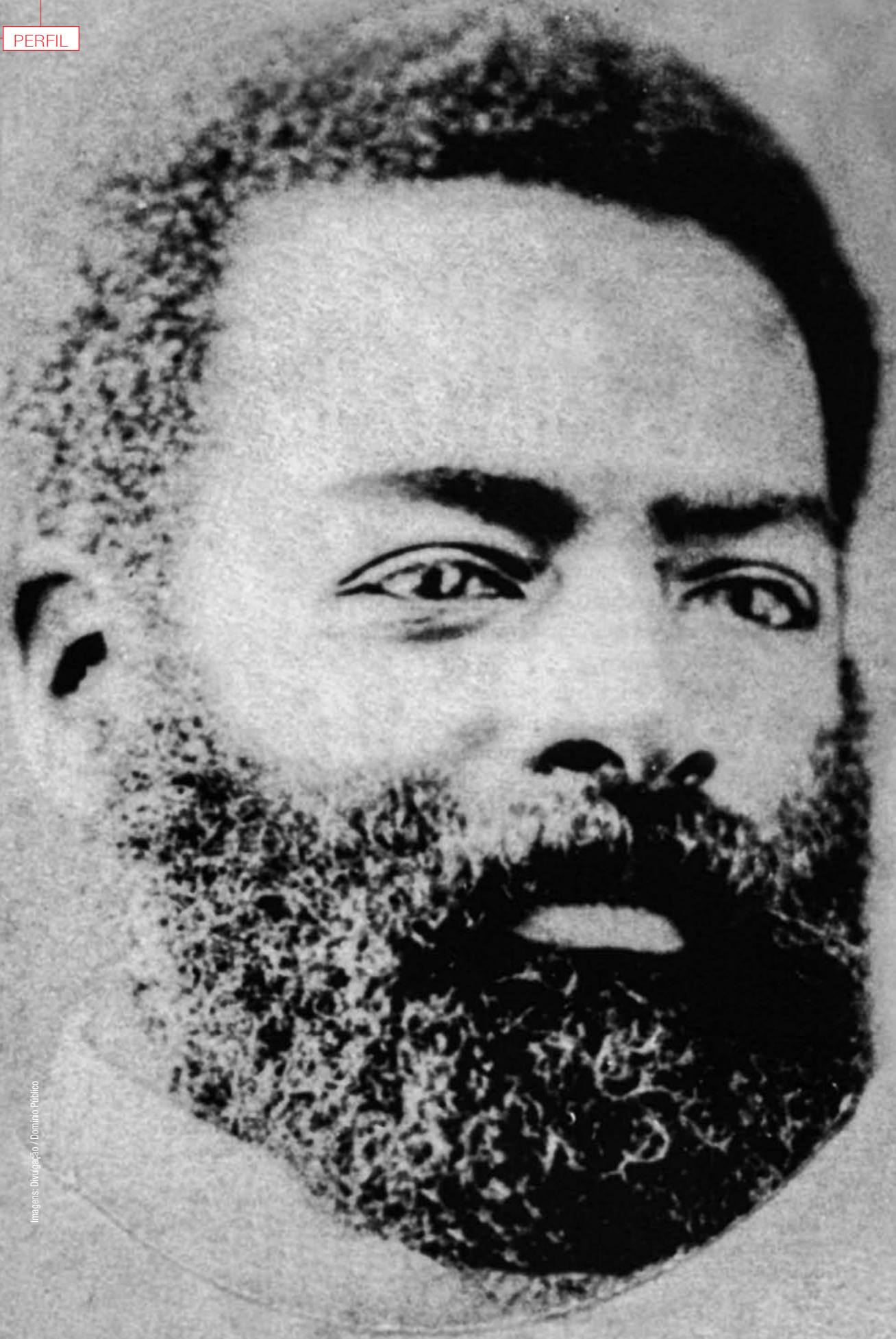
Gustavo Basso

Área verde do Sesc Interlagos, Sesc Itaquera (foto acima) e de outras unidades do Sesc São Paulo reabrem gradualmente para visitação do público



Emerson Penna







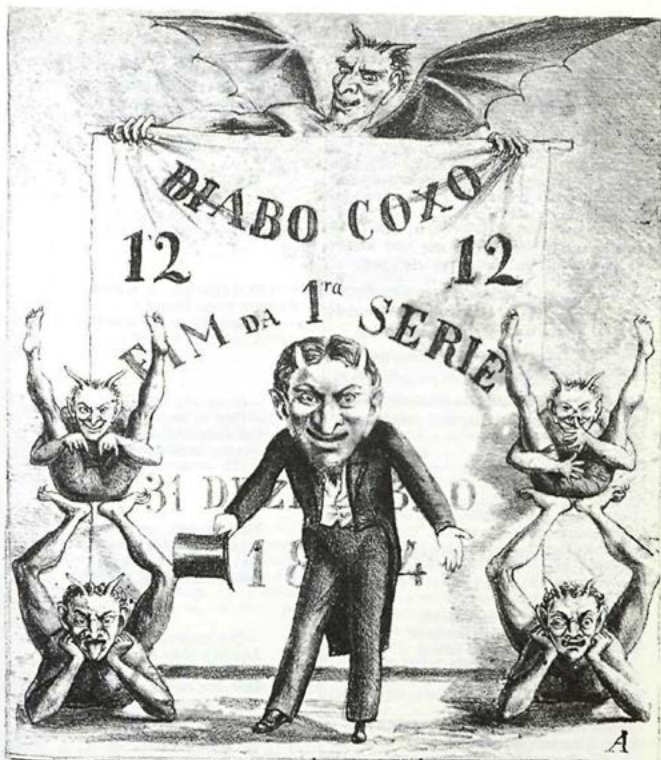
# Herói da LIBERDADE

COMUNICADOR E POPULAR,  
O ABOLICIONISTA LUIZ  
GAMA TEVE VIDA E  
OBRA ANCORADAS NA  
CONSCIÊNCIA POLÍTICA E  
NA LUTA ANTIRRACISTA

Atenção redobrada ao ouvir o nome de Luiz Gama. Quando o assunto é luta abolicionista, defesa da causa republicana e da liberdade no Brasil, a menção ao jornalista, escritor e defensor dos negros em pleno século 19 é obrigatória. A trajetória do ativista é mesmo imbatível. Embora tenha nascido livre, foi escravizado e vendido pelo pai aos 10 anos. Autodidata, só foi aprender a ler e escrever aos 17. A partir daí ninguém mais o separou da escrita. O domínio das letras e das leis garantiu sua libertação e abriu um novo capítulo na busca por uma sociedade mais justa no Brasil.

A professora Ligia Fonseca Ferreira, do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), afirma que Gama se tornou um homem de letras e sobretudo um jornalista de grande audiência e influência em seu tempo. “Além da habilidade retórica e das agudas análises político-jurídicas, revela-se um mestre da narrativa jornalística, à qual imprime um estilo pessoal, quase sempre colocando-se em primeira pessoa, interpelando e provocando seus leitores, quando figura ele mesmo como personagem de alguma matéria”, explica Ligia, organizadora do livro *Lições de Resistência: Artigos de Luiz Gama na Imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro* (Edições Sesc São Paulo, 2020).

O legado do jornalista, que em 2018 foi declarado Patrono da Abolição da Escravidão no Brasil, é repleto de textos com forte crítica social e política, denunciando as questões raciais do ponto de vista do negro. Ainda podemos observar sua produção com os olhos cheios de curiosidade, pois é ilustrada com as cores da atualidade. Ligia sinaliza que a celebração de 190 anos de nascimento de Gama acontece em um cenário inesperado. A pandemia da Covid-19 somou-se à eclosão dos movimentos antirracistas. “Houve a triste morte de George Floyd [afro-americano morto por um policial no mês de maio, em fato que impulsionou protestos mundiais contra o racismo e a violência policial], embora no Brasil nós tenhamos situações tão graves quanto, que vitimam as populações negras”, comenta. “Esse contexto acabou jogando um pouco mais de luz ao Luiz Gama.”



Tenho a subida honra de fazer as minhas despedidas por este anno, e prometto voltar para nova escaramuça, se me constar (o que será muito difficil) que os caloteiros forão banidos d'esta heroica cidade. — Aqui estão os meus acolythos acrobatas, para darem satisfações aos «cavaquistas», e podem ser procurados durante a minha ausencia no «becco do Inferno».

Capas de edições do *Diabo Coxo*, primeiro periódico humorístico da capital paulista

### DE TIRAR O FÔLEGO

Não há exagero em dizer que a vida de Luiz Gama foi extraordinária. Nasceu em 1830, na Bahia, menino livre, no contexto das revoltas que tinham em seu centro negros africanos ou nascidos no Brasil. A mãe, Luíza Mahin, é dessas personagens da história que merecem reverência. Africana, lembrada por sua postura rebelde e inteligência, envolveu-se com as insurreições dos povos negros que aconteceram em Salvador no século 19.

Em carta datada de 1880, é descrita pelo filho:

*“Minha mãe era de baixa estatura, magra, bonita [...] muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa. [...] era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram feito”.*



ANNO I. JORNAL DOMINGUEIRO. N. II.



ANNO I. JORNAL DOMINGUEIRO. N. 2

Recepção que isto e «Diabo Coxo»

Do pai, pouco se afirma. Era fidalgo de importante família baiana de origem portuguesa. E foi o pai quem o vendeu, ainda criança, em condição de escravo. Assim partiu para São Paulo, no ano de 1840, onde permaneceu em condições distintas: dos 10 aos 18 anos escravizado e, posteriormente, como homem livre, não só de corpo, mas de ideias. Trazia em si a experiência dolorosa da escravidão reverberada em aprendizado libertador.

O primeiro periódico humorístico da capital paulista ganhou forma por sua iniciativa. *Diabo Coxo* veio em parceria com Angelo Agostini, italiano e



# Aliados na batalha

CURIOSIDADES SOBRE PERSONAGENS NA LINHA DE FRENTE DA BATALHA PELO FIM DA ESCRAVIDÃO

A luta pela abolição no Brasil no século 19 reuniu inúmeros intelectuais, juristas, jornalistas e escritores. Entre eles, já despontavam líderes negros que, ao lado de Luiz Gama, ajudaram a mudar a história nacional. A professora do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) e coordenadora regional do grupo de trabalho Emancipações e Pós-Abolição (Anpuh), Ana Flávia Magalhães Pinto, selecionou algumas dessas personagens e episódios curiosos relacionados ao período. “Para destacar a centralidade de uma série de abolicionistas negros, tão importantes quanto figuras que se tornaram célebres pelas narrativas hegemônicas, basicamente homens brancos e de elite”. Vamos a eles:



## José do Patrocínio

(1853-1905)

Em 13 de maio de 1888, numa ação conjunta com a *Confederação Abolicionista* e outros jornais, lançou um chamado para que “o povo brasileiro” se reunisse em frente à redação da *Cidade do Rio*, para dali seguir ao Senado. Confirmada a aprovação, a comitiva acompanhou o ministro João Alfredo ao Paço Imperial para a entrega do Decreto nº 3.353 à sanção da regente imperial. Patrocínio não se conteve em apenas ver a assinatura da carta que declarava extinta a escravidão no Brasil e exorbitou da discrição em seu discurso de elogio ao feito.

## Ferreira de Menezes

(1840-1881)

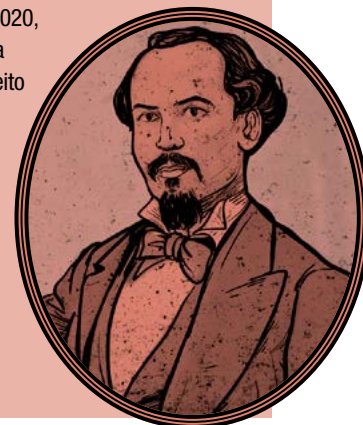
Nasceu negro e livre no Rio de Janeiro, filho de um homem liberto. A despeito de suas origens modestas, conseguiu estudar no Colégio Tautphoues de Nova Friburgo e foi aprovado nos exames preparatórios para as academias do Império perante o Conselho de Instrução Pública, em 1860. No ano seguinte, dirigiu-se, então, para São Paulo, para cursar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Conhece Luiz Gama, com quem estabelece uma estreita e duradoura amizade. Afora ações de liberdade, Menezes compôs uma banca de advogados comissionados pela Loja América para defender Luiz Gama num processo de calúnia movido contra ele em 1870. Tendo retornado ao Rio de Janeiro, manteve a amizade com Gama e muito pautou esse debate nas páginas do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Notícias*. Até que, em 1880, decidiu fundar a *Gazeta da Tarde*, um jornal abolicionista que se negava a publicar anúncios de gente escravizada em fuga. Luiz Gama colaborou com frequência nesse impresso, além de outros abolicionistas negros.



## José Rubino de Oliveira

(1837-1891)

Foi um homem negro de pele clara que não aceitou o convite de redenção via negação de suas origens. Amigo de Luiz Gama, Joaquim Nabuco e Castro Alves, cursou também a Faculdade de Direito do Largo São Francisco e muito lutou até se tornar professor daquela instituição em 1879. Em 24 de setembro de 2020, a Congregação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo nomeou o auditório do primeiro andar do prédio do Largo em sua homenagem.



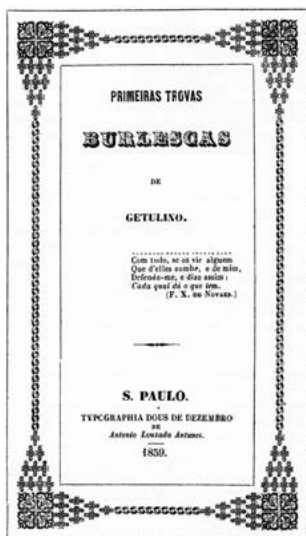
► caricaturista, em 1864. No semanário *Cabrião*, traduzia incoerências sociais e políticas, em artigos críticos ao regime escravocrata. Foi redator e proprietário do jornal *O Polichinelo*, na mistura afiada de política e humor. Sua estreia na imprensa foi no *Correio Paulistano*, em agosto de 1864, e entre 1881 e 1882 o jornalismo viu seus últimos textos. É neste último ano que Luiz Gama morre, em decorrência da diabetes.

Já em 1869, o jornalista conciliou as atividades com o jurista: é autorizado a exercer a advocacia em primeira instância, envolvendo-se em processos que traduzem seu protagonismo antirracista e pela defesa da República e do estado democrático de direito. “Pode ser estranho dizer isso em relação àquela época, pois havia a égide do regime imperial, mas Gama foi um dos nossos primeiros republicanos”, acrescenta Ligia. Defensor coerente de suas convicções, também era conhecido da maçonaria. Com pontos espalhados pelo Brasil, a organização conectou Gama a outros círculos.

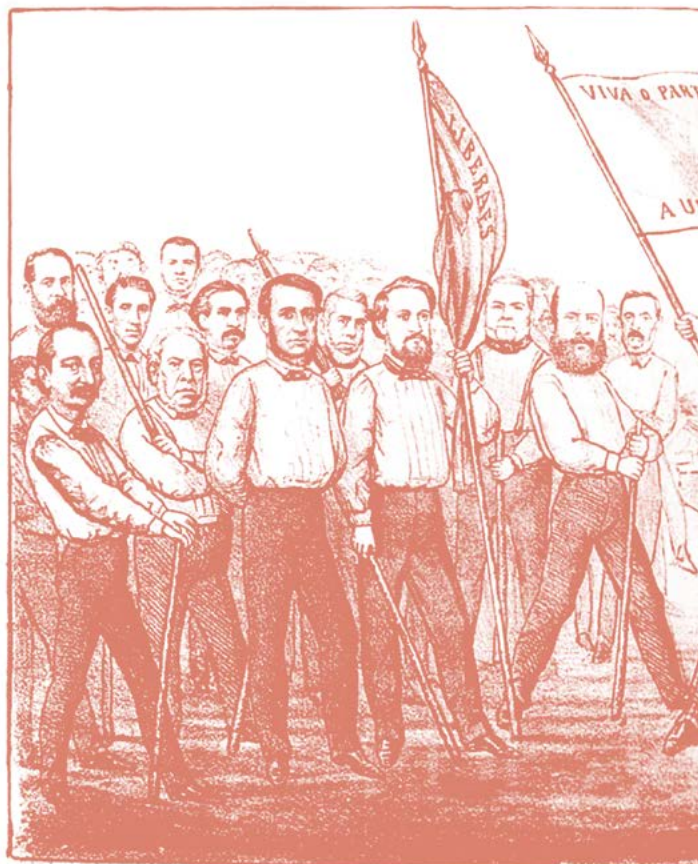
#### DONO DA CANETA

Contrariando o destino apresentado, Luiz Gama é autor de sua trajetória. Na opinião do quadrinista e professor Marcelo D’Saete, é possível pensar que a “nossa história é feita de violências e de concentração do poder”. Tal concentração reproduz uma historiografia restrita a poucos personagens e vozes. Para Marcelo, o poder aparece de forma bélica, “em conflitos e guerras”, ou de forma simbólica, explicitado nos mecanismos e estratégias desse grupo dominante e da forma de contar os fatos. “A história é escrita lembrando de fatos e personalidades importantes e, por outro lado, relega ao esquecimento fatos e figuras

importantes”, diz, a exemplo de Luiz Gama e toda sua contribuição no abolicionismo. “É um personagem lembrado nas décadas passadas mais como escritor do que como abolicionista e político e um rábula [quem tinha autorização para exercer a função de advogado sem ter formação em Direito].”



Primeira edição das *Primeiras Trovas Búrficas de Getúlio*, 1859



Desenho de Angelo Agostini para o *Cabrião*, edição de fevereiro de 1867

#### VOZ ALÉM DO ATLÂNTICO

Existe em São Paulo a Rua Luiz Gama e, em Curitiba, a Travessa Luiz da Gama. O reconhecimento é marcado no mapa das cidades brasileiras, mas pode atravessar os continentes. No que depender dos desejos da pesquisadora Ligia Fonseca, é uma questão de tempo. Ligia identifica Gama como um comunicador de voz poderosa, tanto que, ao ler seus textos, imagina uma voz potente que combinaria com o rádio ou, hoje, com o podcaster.

A professora indica que o mundo lusófono é um bom ponto de partida, considerando sua origem familiar, a qual remete ao mundo atlântico. “Temos um triângulo que fez com que o Brasil se formasse nessa junção, da África, Portugal, e ele é uma síntese. Haverá um dia em que os estudantes africanos também saberão quem foi Luiz Gama”, completa. ■





LUÍZ GAMA.

Com desenho de Angelo Agostini na capa, a *Revista Ilustrada* nº 313, de 1882, homenageia Luiz Gama por ocasião de sua morte, ocorrida em 24 de agosto daquele ano

## Ideário organizado

COLETÂNEA REÚNE TEXTOS INÉDITOS DO JORNALISTA PUBLICADOS NA IMPRENSA PAULISTA E CARIOCA

Textos inéditos de Luiz Gama organizados pela professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Ligia Fonseca Ferreira compõem a coletânea *Lições de Resistência: Artigos de Luiz Gama na Imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro* (Edições Sesc São Paulo, 2020). Ao todo são 61 artigos publicados entre os anos de 1864 e 1882. Deste total, 42 chegam ao público pela primeira vez. No prefácio, o historiador Luiz Felipe de Alencastro contextualiza a detalhada pesquisa da professora que deu origem à obra.

Em setembro, Ligia recebeu a Medalha Luiz Gama do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) – destinada àqueles que se destacam na defesa do estado democrático de direito. Neste mês, participará de eventos virtuais para o lançamento do livro. No dia 19/11, ela faz parte de uma live, às 19h, no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#). E, no dia 26, dá início a um curso online de quatro encontros (quintas-feiras, das 19h às 21h) dedicado à vida e obra de Luiz Gama, realizado pela unidade do Sesc Santos.



# Traços da história

MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE DAS POPULAÇÕES NEGRAS  
GANHAM DESTAQUE NA ARTE DOS QUADRINHOS

Não é de hoje que eventos históricos são revistos no formato dos quadrinhos, mas essa vertente tem sido renovada pela criatividade de autores que buscam novas abordagens e temáticas. Entre elas, ganha relevo a trajetória das populações negras, seus personagens e símbolos. Um expoente dessa faceta das HQs é o premiado quadrinista, ilustrador e professor Marcelo D'Saete, autor de *Encruzilhada* (2011), *Cumbe* (2014) e *Angola Janga* (2017). Esses livros colaboram com uma nova visão de fatos “ao abordar temas como memória e ancestralidade e pôr em destaque a vida dos nossos antepassados africanos escravizados e espoliados na busca de liberdade”, explica o diretor curador do Museu Afro Brasil, Emanuel Araujo.

## ENTRE TEMPOS

Nos bastidores dos álbuns gráficos, há muita pesquisa bibliográfica e iconográfica. Entre outros motivos, porque, quanto mais se volta no tempo, maior é a dificuldade em recriar visualmente o período. D'Saete gosta de ler sobre história do Brasil, e a produção de *Cumbe* e *Angola Janga* – com enredos baseados em acontecimentos do século 17 – é fruto de anos de apuração. Segundo o quadrinista, sua sorte foi poder consultar a biblioteca do Museu Afro Brasil para recriar as imagens históricas.

Questionado sobre como as HQs discutem estruturas hegemônicas que oprimiam e oprimem populações negras, D'Saete lembra que houve um “esquecimento sistemático em relação a certas narrativas, em demonstração de poder de um grupo em relação a outro”. Também enfatiza a necessidade de várias perspectivas, abordando personagens que ficaram à margem dos fatos narrados. “É possível pensar que nossa história é uma história de violências, de concentração do poder”, afirma.

Para o autor, as HQs cativam pelo seu formato, mas estão longe de ser menos complexas que outras narrativas. “o quadrinho não é uma mídia mais simples, mas pode oferecer uma forma diferente de acessar certos conteúdos e narrativas. É uma forma específica e interessante para os dias de hoje, tão complexa quanto a literatura, o cinema e a música”, completa. ■

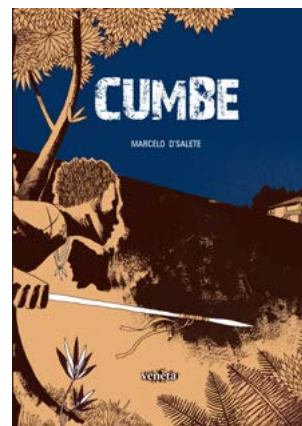
## PREMIADO E PRESENTE

*Obra de quadrinista é revisitada em exposição*

Após ser apresentada em 2018, no Museu Afro Brasil, em São Paulo, a exposição *Marcelo D'Saete – A História Negra em Quadrinhos*, com curadoria de Emanuel Araujo, estava pronta para visitaçã no Sesc Araraquara em março de 2020. A pandemia obrigou o adiamento de sua abertura.

Imagens da obra de D'Saete selecionadas para a exposição se desdobram também nas próximas páginas. O curador destaca a qualidade das ilustrações, “o domínio do traço da figura humana”,

mostrando “o quanto esse aspecto expressionista do desenho fala, age, mexe no subconsciente de forma extraordinária e emocional”. O artista foi reconhecido internacionalmente pelo Prêmio Eisner (o Oscar dos quadrinhos) na categoria *Melhor Edição Americana de Material Estrangeiro* pelo livro *Cumbe*, em 2018.







Imagens: Marcelo D'Saitele

Em 432 páginas, o quadrinista desenha a história de *Angola Janga* (2017), que significa “pequena Angola” e nos livros de história ficou conhecida como Palmares: a obra ganhou o 60º Prêmio Jabuti na categoria Quadrinhos



*Angola Janga (2017)*





ZONA, DO OUTRO  
LADO DO CALUNGA, JÁ  
FUI ESCRAVO DOS JAGA.



EM  
PERNAMBUCO,  
ES CRAVO DOS  
PORTUGUESES E  
HOLANDESES...



NÓS  
PRECISAMOS  
DO ACORDO...



NÃO  
PODEMOS SER  
ES CRAVOS  
DE NOVO...  
PRESOS  
EM CUCAÚ.



TATA,  
AGORA PODE SER  
DIFERENTE...

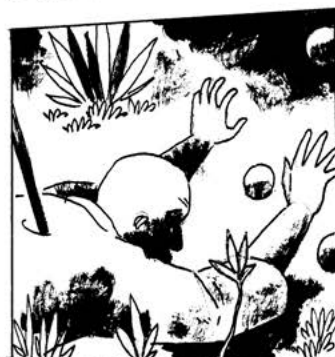


LEMBRE-SE,  
O CÃO  
CELEBRA COM O  
RABO, MAS MORDE  
COM A BOCA...



OS PORTUGUESES  
NEGOCIAM APENAS A SUA  
PRÓPRIA VITÓRIA, ZONA...











Em 2018, D'Saete  
foi reconhecido  
internacionalmente pelo  
Prêmio Eisner (o Oscar dos  
quadrinhos) na categoria  
Melhor Edição Americana  
de Material Estrangeiro  
pelo livro *Cumbe* (2014)







Os descaminhos  
de moradores de  
uma grande cidade  
capaz de engolir um  
a um na próxima  
esquina dão forma a  
*Encruzilhada* (2014)







VIVA

OLHA O  
RAPA!

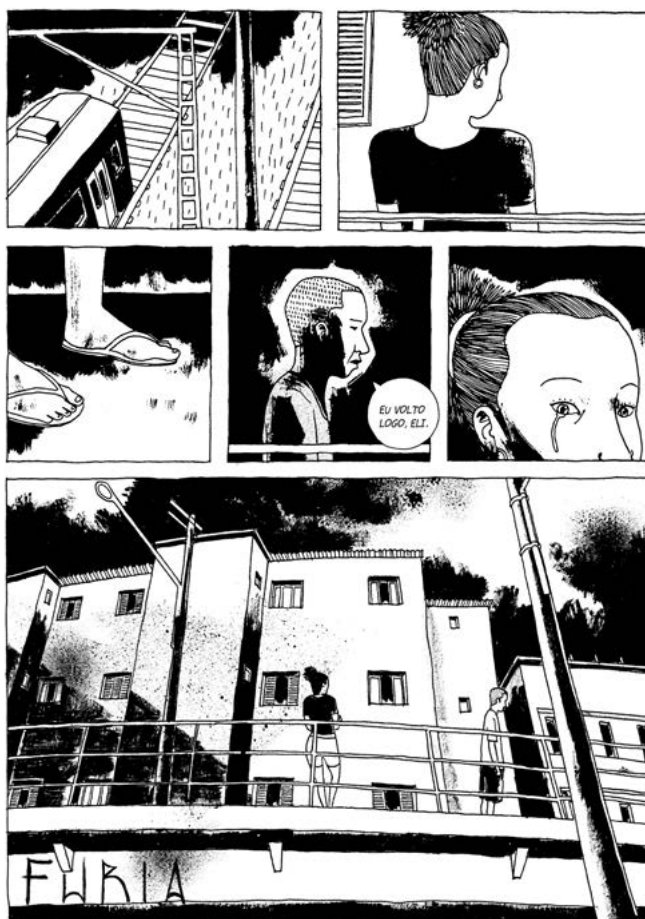


Risco (2014) aborda as adversidades enfrentadas por um guardador de carros que tenta ganhar dinheiro no centro da cidade





Detalhe de *Risco* (2014)



Página de *Risco* (2014)

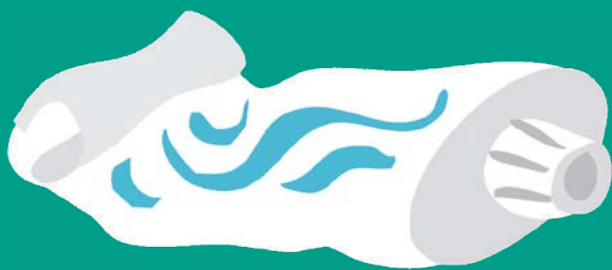
Rafael Roncato

No estúdio, o quadrinista Marcelo D'Saete em ação: aplicada na imagem, uma ilustração do livro *Cumbe* (2014)









# Além do céu da boca



Thiago Lopes / Estúdio Kiwi





## ZELAR POR DENTES E GENGIVA TAMBÉM AJUDA NA COMPREENSÃO DE SINTOMAS E NECESSIDADES DO CORPO DE FORMA INTEGRAL

Somos apresentados ao mundo pela boca. Da amamentação – nosso primeiro contato com o alimento – a uma jornada de descoberta de sabores, texturas e sensações quando levamos à boca mãos, pés ou objetos. Com ela, aprendemos a elaborar sons e palavras e, dessa forma, outras portas de expressão e conhecimento abrem-se a partir deste espaço habitado por língua, dentes e gengiva. No entanto, a crença de que essa cavidade oral e os cuidados a ela direcionados estão separados do restante do corpo prejudica a preservação da saúde bucal.

“Boca é corpo. E essa boca, como corporeidade, é central na vida. Ela é a parte mais social do nosso corpo. Ela está em centralidade na nossa existência, desde o nascimento”, explicou o odontologista Carlos Botazzo, professor associado do Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), no bate-papo *Boca e Suas Conexões com a Vida: A Saúde Bucal para Além do Cuidado com os Dentes*, realizado pelo Sesc Ideias (leia boxe Porta de entrada).

Botazzo é criador do conceito de bucalidade, “entendido como a capacidade da boca em ser boca, isto é, exercer, sem limitação ou deficiência, as funções [manducação (consumo do mundo), linguagem e erótica] para as quais anatomicamente acha-se apta”. Ele defende que, ao falar de boca, estamos falando do ser humano como um todo. Por isso, para os profissionais de saúde da área, uma lesão de cárie, por exemplo, não deveria ser vista apenas como resultado da ingestão excessiva de açúcar e falta de limpeza correta dos dentes. Há mais razões por trás desse processo de adoecimento e elas dizem respeito ao que está acontecendo com o indivíduo e o meio onde ele vive.

Ilustração do almanaque produzido pelo Sesc Bauru para o projeto *Sorriso é Coisa Séria!*, do Sesc São Paulo: ação voltada para cuidados com saúde, alimentação e hábitos de higiene a partir da infância



### DOS PÉS À CABEÇA

Sob essa perspectiva da boca como parte e não à parte do corpo, a professora Fabiana Schneider Pires, do Departamento de Odontologia Preventiva e Social da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), afirma que é preciso pensar na saúde bucal para além de gengivas e de dentes: “É pensar na saúde bucal em diálogo com o contexto em que a gente vive. Ela sai da doença e vai para o sujeito, seus hábitos, suas relações familiares, seu tecido cultural, para, então, pensarmos em mais ofertas de cuidado”.

Nesta pandemia, bruxismo, apertamento dos dentes, dores de cabeça e zumbido no ouvido são exemplos de problemas relatados pela população. “Mas o que isso tem a ver com a boca? Esses sintomas podem ser provocados por uma contratura muscular de face e de pescoço, seja porque a pessoa fica horas no computador, seja porque está ansiosa ou tensa. Uma insônia pode levar a uma contratura muscular. Tudo o que você faz, não só o que come, vai provocar efeitos na saúde bucal”, explica a professora.

Por isso, cuidar de si, literalmente dos pés à cabeça, é essencial, tanto quanto a higienização bucal. “Precisamos de um autocuidado que saia do clichê (usar fio dental, visitar o dentista regularmente etc.) e, também, perceber que, se há tensão e medo, podemos adotar outras práticas de cuidado com a saúde, a exemplo de um alongamento, de uma meditação”, recomenda. Por fim, Fabiana aponta o surgimento de uma nova postura da população diante da atualidade.

“Neste momento tão delicado em que estamos vivendo, a pandemia com seus efeitos, suas inseguranças, inquietações e preocupações precisa ser vista pelos profissionais como uma possibilidade de redesenhar nossos conhecimentos sobre o adoecimento. Fazer análises dos contextos de vida das pessoas e olhar para as singularidades do sujeito que adoce e não para a doença, e assim pensar em um cuidado ampliado e qualificado”, conclui. ■



## Porta de entrada

PROGRAMAÇÃO PROMOVE DISCUSSÃO SOBRE SAÚDE, CULTURA E EDUCAÇÃO NO MEIO DIGITAL

Neste ano, a terceira edição do *Boca, pra que Te Quero?* – ação que discute as diversas funções da boca e sua relação com a saúde, a cultura e a educação – foi realizada em setembro nas plataformas digitais do Sesc São Paulo, tendo em vista as medidas de restrição social para contenção da Covid-19. “Para promover saúde bucal é preciso ampliar os cuidados para além da boca. É preciso, por exemplo, cuidar do estresse que causa apertamento e fratura dos dentes, da ansiedade de morder objetos ou roer unhas, das funções sociais da boca, da fala, dos afetos, da capacidade de mastigar e engolir”, explica Fábila L. Uccelli Santos, assistente técnica da Gerência de Saúde e Odontologia do Sesc São Paulo.

Na programação, a live *A Boca e Suas Conexões com a Vida: Saúde Bucal para Além do Cuidado com os Dentes*, reuniu Carlos Botazzo, professor associado do Departamento de Política, Gestão e Saúde, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), Samuel Jorge Moysés, professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), e Elizabete Cristina Fagundes de Souza (Betinha), professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), numa conversa sobre a relação entre os conceitos transversais de saúde, as relações humanas, os marcadores sociais e a saúde bucal da população.

Outra ação do projeto, também disponível no meio digital, é uma série de três pequenos vídeos com a estética de xilogravura e de cordel. De maneira lúdica, conhecemos as histórias de Rosa Maria de Abreu Conceição da Ladainha, uma viajante que anda pelo Brasil e se separa com as infinitas possibilidades da boca.

### DENTRO DAS ESCOLAS

O Sesc São Paulo também realiza até novembro o projeto *Sorriso é Coisa Séria*, uma ação educativa de saúde bucal que contempla orientações de higiene e atividades artísticas para as crianças entre 6 e 11 anos da rede pública de ensino. Com início em 1998, no Sesc Taubaté, em uma parceria da unidade com a Universidade de Taubaté (Unitau), o projeto foi ampliado, ao longo dos anos, para outras unidades do Sesc no estado de São Paulo, estabelecendo parcerias com as secretarias municipais de Saúde e Educação.

Atualmente, a ação é realizada de forma sistemática e consistente nas unidades de Rio Preto e de Catanduva. Em ambas, foram atendidas pela ação, no ano passado, aproximadamente 23 mil alunos da rede pública. Neste ano, desde setembro, *Sorriso é Coisa Séria* leva aos estudantes conteúdos digitais sobre saúde bucal e cuidados, que serão distribuídos pelos professores nas plataformas utilizadas para aula. “Promover saúde bucal é cuidar de pessoas, respeitando e aprendendo com as singularidades de cada um”, complementa Fábila Ucelli.

Confira os três episódios de cordel do *Boca, pra que Te Quero?*

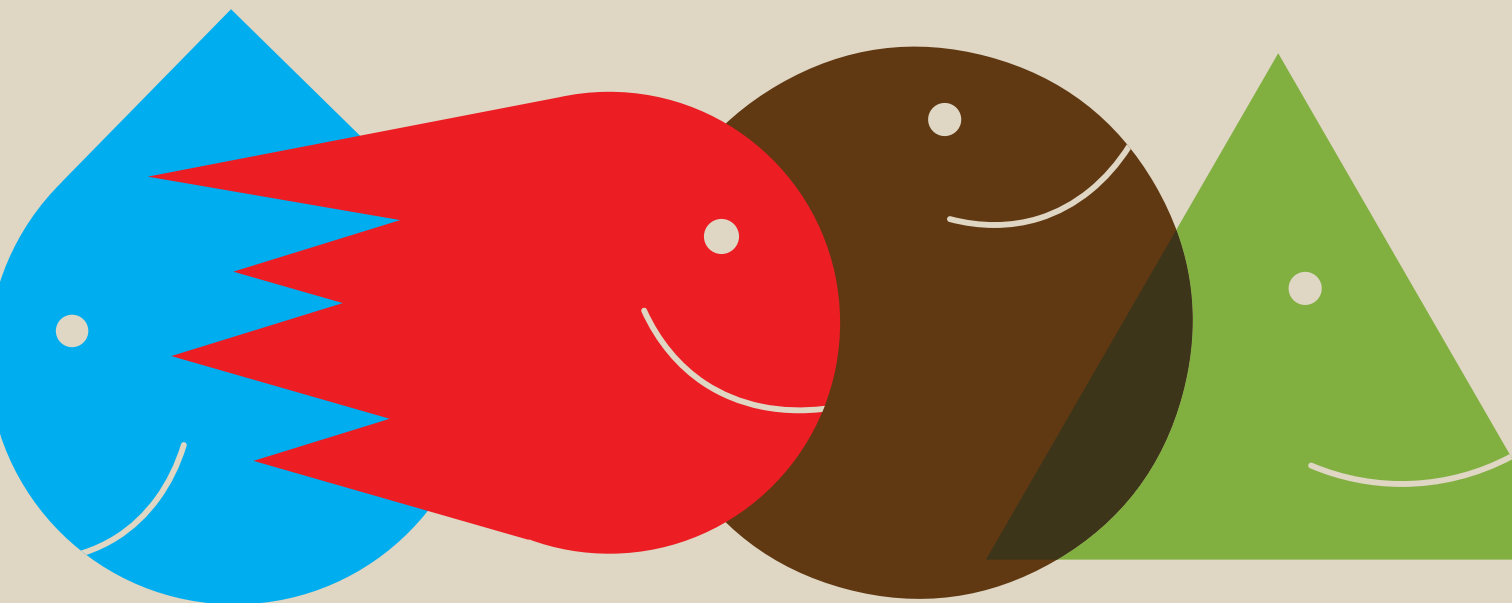
Assista ao bate-papo *Boca e Suas Conexões com a Vida: A Saúde Bucal para Além do Cuidado com os Dentes*, realizado pelo Sesc Ideias e exibido no canal do YouTube do Sesc São Paulo.



# cantos da natureza

pau brasil

lançamento  
**selo sesc**



Em comemoração de 40 anos,  
o **pau brasil** lança seu  
primeiro álbum infantil,  
com canções de Edgard Poças

DISPONÍVEL NAS  
PLATAFORMAS

Sesc  
digital



selo  
**Sesc**

Visite a loja virtual e conheça o  
catálogo completo [sescsp.org.br/loja](https://sescsp.org.br/loja)



/selosesc





# Cuidar é para todos

“Deixe que ela cuida”. Essa sentença ainda é ouvida em milhões de lares brasileiros pela menina de 12 anos ou pela mulher de 70. Crenças, cultura, hábitos, entre outros fatores que moldam a sociedade, determinam: cabe às mulheres zelar pelos outros, ainda que tenham que abrir mão de estudo ou de trabalho ou somar essa responsabilidade à jornada laboral. Segundo dados da pesquisa *Care Works and Care Jobs*, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgada em 2018, em nenhum país os homens e as mulheres dedicam a mesma quantidade de horas com cuidados não remunerados. Mulheres e meninas destinam, em média, três vezes mais tempo que homens e meninos. E essas horas aumentam consideravelmente quanto maior a situação de vulnerabilidade delas. “Antes da pandemia, as mulheres já dedicavam semanalmente 50% a mais de tempo do que os homens para o trabalho doméstico não remunerado. No cenário atual, elas se encontram ainda mais sobrecarregadas, como revelam os dados da pesquisa *Sem Parar: O Trabalho e a Vida das Mulheres na Pandemia*, publicada pela organização Gênero e Número e pela Sempre Viva Organização Feminista”, destaca a advogada Clara Carolina de Sá, do Instituto Alziras, que já foi Conselheira Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil. No entanto, “o bem-estar de uma criança precisa estar diretamente ligado ao bem-estar das pessoas que têm a função/o compromisso de cuidar delas”, explica a pedagoga Clelia Rosa, que atua na área da Educação, trabalhando para a promoção da igualdade racial e de gênero desde a infância. Por que, então, a responsabilidade social do cuidado ainda não é compartilhada por todos os atores da sociedade? E quem cuida daqueles e daquelas que cuidam? Essas e outras questões são levantadas por Rosa e Sá neste *Em Pauta*. Outras reflexões sobre o tema acontecem, até abril de 2021, em bate-papos, vivências, apresentações e diálogos promovidos pela ação *Cuidar de Quem Cuida – Redes de Apoio e Cuidados*, realizada pelo Sesc São Paulo. Confira: [sescsp.org.br/cuidardequemcuida](https://sescsp.org.br/cuidardequemcuida).



# Cuidar é verbo!

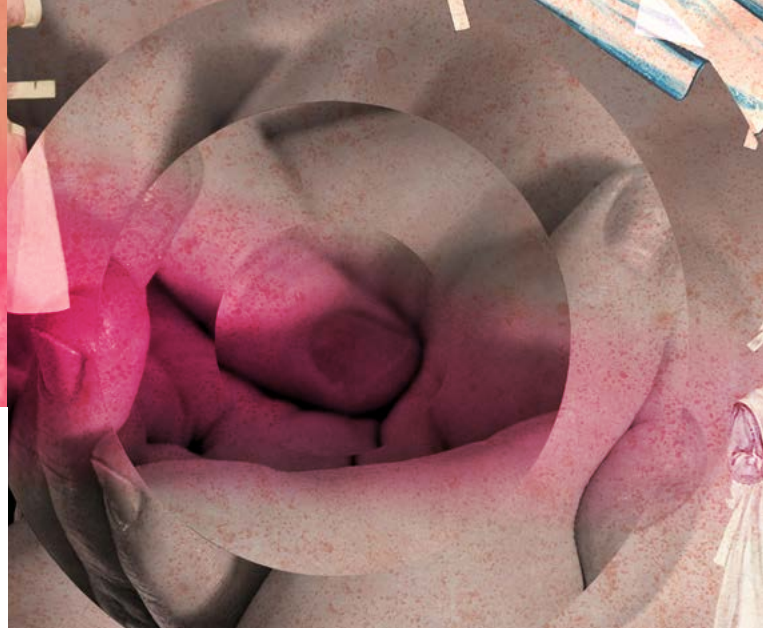
CLELIA ROSA

Cuidar é verbo! E, como verbo, indica uma ação. Ação que pode ser executada por todas as pessoas. Entretanto, o que sabemos é que, histórica e socialmente, esta ação ficou a cargo das mulheres. Historicamente, foi dada ao gênero feminino essa atribuição.

Mães, enfermeiras, professoras, cuidadoras, seja de crianças, seja de pessoas idosas, cozinheiras. São as mulheres que estão no topo da lista quando o trabalho tem relação direta com o ato de cuidar. É preciso lembrar que o fato de as mulheres serem a grande maioria nas atribuições referentes ao cuidado nada tem a ver com questões biológicas e/ou genéticas, mas apenas e exclusivamente está ligado a uma convenção social que delega às mulheres essa “missão”.

Elas estão sempre cuidando de alguém ou de alguma coisa para outro alguém. Mas quem cuida delas? Quem pensa nas pessoas que cuidam? Além de no próprio travesseiro, onde mais elas encontram acolhimento? Muitas vezes, as pessoas que cuidam (na grande maioria, mulheres) não se sentem merecedoras de cuidado, se colocam em último lugar e chegam ao nível máximo de esgotamento porque não foram cuidadas, e também por não conseguirem praticar um autocuidado: não conseguem cuidar de si.

Arrisco dizer que a palavra autocuidado nunca foi tão utilizada como nestes tempos. Um autocuidado pode começar com um simples *skin care* (cuidados com a pele) e ir se consolidando em ações mais profundas e, por isso, às vezes, mais demoradas, como cuidar da saúde mental, que requer visitar lembranças, modos de comportamento; cuidar daquilo que se come, em relação à quantidade e, principalmente, à qualidade do que se come. O cuidar de si aos poucos vai deixando de lado a ideia de que é uma ação egocêntrica e se consolidando em estar bem para poder cuidar do outro e estar bem com ele.



## CIRCULARIDADE

Se tivéssemos a *circularidade* como elemento fundamental na nossa formação cultural (valor civilizatório afrobrasileiro), teríamos um a outro de forma mais concreta. Poderíamos cuidar e sermos cuidados. A circularidade propõe uma relação de interdependência, em que ações individuais são realizadas em função de um coletivo. Nesse sentido, ninguém fica de fora. Todas as pessoas dentro desse “círculo” têm um papel de importância, valor e cuidado.

Numa relação de interdependência, seria entendido que cuidar de uma criança pressupõe também cuidar das pessoas que cuidam dela, ou seja, um olhar atento para seus pais, professores e cuidadoras. O bem-estar de uma criança precisa estar diretamente ligado ao bem-estar das pessoas que têm a função/o compromisso de cuidar delas.

Nesse sentido, a construção e manutenção da aldeia, ou, como convenciamos nomear, de redes de apoio, é de fundamental importância. A tomada de consciência dessa relação de interdependência é que poderia garantir que todas as pessoas (adultos e crianças) fossem cuidadas, respeitando suas singularidades e necessidades.

## PELO BEM COMUM

A criação dessa rede de apoio se dá a partir da identificação das afinidades das pessoas que a compõem e também das pessoas que vão, pouco a pouco, se aproximando e sendo parte dela. Mas o grande elo que mantém uma pessoa como parte de uma rede de apoio é a compreensão da importância da vida coletiva. É saber que o bem comum precisa





ser de todos e para todos. É colocar os seus talentos a serviço do coletivo e também ser beneficiado pelo talento de outro membro dessa rede. É o Eu que anda de mãos dadas com o Nós.

Romper a lógica do individualismo, se arriscar e andar na contramão de uma sociedade em que a competição se tornou um grande elemento das nossas relações. Esse é um dos grandes desafios que famílias e educadores precisam enfrentar para construir uma sólida e ao mesmo tempo flexível rede de apoio.

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, diz um provérbio africano que talvez você já tenha lido ou ouvido. Pois bem, quem é você dentro dessa aldeia? De quem você cuida? Da criança? Ou dos cuidadores dela?

Essas perguntas são para movimentar o nosso pensamento e direcionar o nosso olhar para as pessoas que estão na relação direta com as crianças. São as pessoas que fazem a gestão dos tempos, dos espaços e dos materiais com os quais as crianças se relacionam, convivem e aprendem. São suas mães, pais, professores, cuidadores. São pessoas que escolheram e/ou foram designadas para cuidar e apoiar as crianças para que elas tenham um desenvolvimento (físico, cognitivo, emocional) seguro e pleno.

### DIVIDIR É SOMAR

As crianças são o futuro, mas são acima de tudo o presente. Portanto, é fundamental garantir uma relação com o tempo do agora, o tempo do presente, e proporcionar para elas experiências significativas para o seu pleno desenvolvimento. Mas, como fazer isso estando cansado, estressado, solitário?

Como cuidar do outro sem conseguir cuidar de si mesmo?

É também nesse momento que a aldeia se põe em movimento na direção daquela pessoa que precisa da sombra, da brisa e, por que não dizer,

“É PRECISO UMA  
ALDEIA INTEIRA  
PARA EDUCAR UMA  
CRIANÇA”, DIZ UM  
PROVÉRBIO AFRICANO  
QUE TALVEZ  
VOCÊ JÁ TENHA  
LIDO OU OUVIDO.  
POIS BEM, QUEM  
É VOCÊ DENTRO  
DESSA ALDEIA?

do Sol e de toda sua energia. Dividir as funções de atenção e cuidado, não no intuito de “aliviar” a tarefa da outra pessoa, mas sim por se entender como corresponsável por essa tarefa. Por se sentir cocriador da manutenção e do bem-estar de toda a sua comunidade.

Cuidar da rotina, do cotidiano, das relações, da linguagem, dos afetos. Gestos e ações que precisaram ser reinventados em função de uma crise sanitária mundial que nos colocou diante da ação inseparável que é cuidar de si e cuidar do outro. Nesse contexto, toda ação de cuidado é ao mesmo tempo singular e plural. Cuidar de si é cuidar do outro, cuidar de si é cuidar da família, da natureza, das nossas relações. Cuidar é verbo e precisa ser conjugado por *todes nós*. ■

**CLELIA ROSA** é mãe da Eloisa e da Aisha; pedagoga e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); cocriadora do Coletivo Luderê Afro Lúdico. Atua na área da Educação, trabalhando para a promoção da igualdade racial e de gênero desde a infância.

# Rede de apoio: uma questão política

CLARA CAROLINA DE SÁ

Os municípios estão chegando ao final de mais um ciclo de governo e novas eleições se aproximam. Este ano, porém, estamos diante de um fato novo, uma pandemia que afeta a vida da população em geral e das mulheres em particular. Nesse importante período de decisão a respeito do futuro de nossas cidades e dos rumos de nossa democracia, aspectos da conjuntura e do que representa a participação política das mulheres devem ser objeto de reflexão por toda a sociedade.

Nesse contexto, as mulheres vivenciam muitos desafios na esfera privada e assumiram importante protagonismo na esfera pública. Seja como lideranças políticas ou na linha de frente dos serviços essenciais que contam com uma força de trabalho majoritariamente feminina.

Na esfera privada, o fechamento das escolas e a sobrecarga do sistema de saúde transferiram para as famílias, particularmente para as mulheres, uma parcela da responsabilidade pública pelos cuidados cotidianos com a manutenção da vida de crianças, pessoas com deficiência, idosas e doentes.

## **SOBRECARGADAS**

Antes da pandemia, as mulheres já dedicavam semanalmente 50% a mais de tempo do que os homens para o trabalho doméstico não remunerado. No cenário atual, elas se encontram ainda mais sobrecarregadas, como revelam os dados da pesquisa *Sem Parar: O Trabalho e a Vida das Mulheres na Pandemia*, publicada pela organização Gênero e Número e pela Sempre Viva Organização Feminista.

Em um momento de tanta vulnerabilidade, quando as taxas de desemprego aumentam e os índices de violência doméstica e feminicídio crescem significativamente, 42% das mulheres declaram não ter apoio externo de profissionais, instituições ou vizinhos na dinâmica

do cuidado, ou seja, enfrentam dificuldades objetivas diante de relações de trabalho precarizadas, da falta de acesso a redes de apoio e da insuficiência de políticas públicas de proteção. Além de terem que lidar com desafios subjetivos, representados pelo medo, pela sensação de desamparo e pela desorientação decorrente das ameaças à saúde.

## **CASO A CASO**

É importante lembrar ainda que os efeitos da pandemia atingem as mulheres de forma desigual, a depender de sua raça, de sua classe social, do lugar onde vivem e do tipo de atividade profissional que exercem. A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018, recém-publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou que as mulheres e a população negra estão mais expostas ao aumento recente da fome e da insegurança alimentar em seus domicílios.

E vale lembrar que esses dados ainda não computaram o impacto devastador da pandemia. Ou seja, os números podem ser ainda piores.





A pandemia, por um lado, tem evidenciado a centralidade do papel das mulheres para a organização da vida em sociedade e, por outro, reforça a necessidade de avançarmos rumo a uma democracia paritária, na qual as mulheres possam participar mais ativamente da construção de soluções para os problemas públicos que impactam diretamente sua vida.

#### **DECISÃO POLÍTICA**

A pesquisa *Perfil das Prefeitas do Brasil 2017-2020*, lançada pelo Instituto Alziras, buscou conhecer quem são as mulheres que administram as cidades brasileiras com o objetivo de valorizar e visibilizar seu fazer político, atravessado pelo enfrentamento de variadas

formas de violências e pelas desigualdades de gênero estruturais.

E é no espaço da política que tomamos a decisão de valorizar ou não uma agenda nacional de cuidado compartilhado entre todos, cuidando de quem cuida, para a garantia de uma sociedade mais justa e democrática. ■

**CLARA CAROLINA DE SÁ** é advogada e especialista em gestão pública; foi Conselheira Nacional de Assistência Social e Conselheira Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil; é cofundadora e uma das diretoras do Instituto Alziras, organização sem fins lucrativos que atua para ampliar a participação política das mulheres.

É NO ESPAÇO DA POLÍTICA QUE TOMAMOS A DECISÃO  
DE VALORIZAR OU NÃO UMA AGENDA NACIONAL DE CUIDADO  
COMPARTILHADO ENTRE TODOS, CUIDANDO DE QUEM CUIDA

# IMPRENSA NECESSÁRIA

DIRETOR DE REDAÇÃO  
DA FOLHA DE S.PAULO FALA  
SOBRE OS BASTIDORES DA NOTÍCIA  
NA PANDEMIA E AS CONSEQUÊNCIAS  
DO FLUXO INTENSO DE *FAKE NEWS* NAS REDES

Na Alameda Barão de Limeira, no bairro Campos Elíseos, na capital paulista, o jornalista Sérgio Dávila, diretor de redação da *Folha de S.Paulo*, coordena os bastidores do jornal e uma equipe que segue em *home office* para contenção da Covid-19. Há quase três décadas ele trabalha no periódico, para o qual já cobriu fatos marcantes, como a *Guerra do Iraque* (2003) e o ataque ao *World Trade Center*, em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001. Coberturas que geraram os livros *Nova York – Antes e Depois do Ataque* (Geração Editorial, 2002) e *Diário de Bagdá – A Guerra do Iraque Segundo os Bombardeados* (DBA, 2003). Neste ano, Dávila testemunha outro capítulo da história e acredita que “o jornalismo profissional sairá da cobertura dessa pandemia valorizado”. Para o jornalista, há uma crescente consciência das pessoas sobre o que é fato e o que é opinião. “As pessoas perceberam que nesse momento a gente vive a diferença entre informação verdadeira e *fake news* e isso pode ser a diferença entre a vida e a morte”, diz. Neste *Encontros*, Sérgio Dávila traça um panorama atual do jornalismo profissional e fala sobre o papel e a responsabilidade de grandes empresas de tecnologia.

## JORNALISMO PRESENTE

É impossível falar do jornalismo hoje sem falar da pandemia. Acho que o jornalismo profissional sairá da cobertura dessa pandemia valorizado. A principal razão é que as pessoas perceberam que nesse momento a gente vive a diferença entre informação verdadeira e *fake news* e isso pode ser a diferença entre a vida e a morte. Vou dar um exemplo. No começo da pandemia, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, deu uma entrevista. No final da coletiva de imprensa, ele falou: “Parece que beber desinfetante mata coronavírus”. Nas 15 horas após a fala dele, só no estado de Nova York, houve 30 casos de envenenamento por desinfetante, um número absolutamente extraordinário. Quem ouviu essa informação e a tomou pelo valor de face pode ter se intoxicado. Quem checou essa informação, passou pelo filtro do jornalismo profissional, entrou em sites como *CNN*, *New York Times* e outros, leu: “Não bebam desinfetante. Isso é *fake news* e pode matar uma pessoa”. Aí houve a diferença entre vida e morte.

## MUDANÇA DE FORMATO

A segunda lição que o jornalismo sob a pandemia nos traz, pelo menos para mim, é que o jornalismo é menos uma reunião de pessoas num lugar e mais a maneira de se apurar a notícia e o fato. Por que eu digo isso? Porque hoje estou na minha sala na Barão de Limeira, mas 98% da nossa redação, que gira em torno de 300 pessoas, está em *home office* e, ainda assim, o site está no ar, os podcasts e vídeos continuam sendo

gravados, o produto impresso continua chegando à casa das pessoas. Quer dizer, a pandemia nos provou que o jornalismo profissional bem-feito não necessariamente precisa reunir 300 pessoas sob o mesmo teto. Claro que há uma troca de experiências, uma troca de temperatura que só as redações têm, perde-se isso, certamente, mas, quando definimos que liberaríamos todo mundo para trabalhar de casa, fizemos isso em águas nunca dantes navegadas. Vai dar certo? Vamos continuar produzindo? E sim. Continuamos produzindo, o número de leitores e de assinaturas aumentou. Então, essa é uma segunda lição bastante importante.

## POLARIZAÇÃO

As pessoas vêm, nos Estados Unidos e no Brasil, numa crescente polarização política. Uma polarização que é estimulada pelas redes sociais e, principalmente, por uma rede “antissocial”, que é o WhatsApp. E o Brasil é o segundo maior usuário do mundo desse ambiente que favorece, diferentemente do jornal, que você reforça as convicções que tem. Então, se você recebe uma informação sobre alguém de que você não gosta politicamente, você acha que ela pode ser duvidosa, mas passa para a frente sem problema de consciência. Mas a gente percebe que o leitor começa a pensar melhor antes de confiar na



falsa informação que ele recebe ou à qual ele é exposto nas redes sociais e no WhatsApp. Com isso, a *Folha*, o *Estado*, o *Globo*, o *G1*, o *Uol*, os telejornais, e outros veículos de comunicação, viram sua audiência crescer. Em abril, a *Folha* teve 70 milhões de visitantes no site. É como se metade da internet brasileira tivesse visitado a página do jornal naquele mês, em busca de informação, provavelmente, sobre a pandemia. É a maior audiência desse jornal que vai fazer 100 anos em 2021.

#### PRAÇA PÚBLICA

O jornal é como uma praça pública em que você anda e esbarra nas pessoas, troca ideias e é exposto a ideias sobre as quais você nem sabia que se interessava. Elas podem reforçar seus pontos de vista ou fazer você repensá-los, o que é muito saudável em diversas situações. Então, temos o jornal como uma praça pública *versus* as redes sociais como um condomínio fechado, em que as pessoas torcem para o mesmo time, votam nos mesmos candidatos, pensam mais ou menos igual na questão de costumes e moral, e isso tende a reforçar e a radicalizar a posição das pessoas. Daí a polarização pela qual estamos passando. Acrescente a essa dicotomia um aspecto muito brasileiro, também indiano, que é a predominância do WhatsApp como meio de informação. E o WhatsApp não é uma rede social, ela é uma rede fechada: você se comunica com quem você quiser, entra nos grupos que te aceitarem e cria grupos que você quiser. Ou seja, não há um escrutínio público do que está sendo difundido ali como informação. Esse é o desafio com o qual nos deparamos nesse momento. Nós estamos reforçando nossas equipes de checagem, nosso jornalismo de dados, temos que ser muito ágeis porque as coisas acontecem muito rápido e, quando você vê, uma eleição pode ser influenciada por notícias inverídicas. Esse é o pior cenário para quem está numa redação.

#### JUNÇÃO DE FORÇAS

Outra lição a ser tirada da pandemia, no caso do jornalismo, especificamente no Brasil: houve uma reunião em um consórcio inédito na imprensa – o que em outros momentos não seria possível por se tratar de uma mídia competitiva entre si. Quando o Ministério da Saúde resolveu rever seus critérios de divulgação do número de mortos e infectados pela Covid, muito rapidamente nós, a *Folha*, o *Estado*, o *Globo*, a Rede Globo, o *Uol* e o *G1*, reunimos os dirigentes dessas redações – e todas

#### SÉRGIO DÁVILA

esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 22 de setembro de 2020.

Eduardo Krapp/Folhapress

essas redações têm uma equipe de jornalismo de dados – e colocamos as equipes para conversar, para que fôssemos direto às fontes, no caso as 26 secretarias de saúde, para continuar fornecendo e dando fluxo a essas informações para o público. A gente achou que seria o caos se houvesse um blecaute no fluxo de informações dos números de infectados e mortos por Covid. E começou a haver esse blecaute. Só não foi maior porque esses grupos se uniram, formamos um consórcio e hoje os números, divulgados três vezes por dia pelo consórcio, são considerados os números oficiais. Esse também é um exemplo de como o jornalismo soube reagir bem e rápido diante de uma crise dessa proporção.

#### DILEMA DAS REDES

Recomendo o documentário *O Dilema das Redes* [disponível na plataforma de streaming on demand Netflix], pois tem como mérito fazer um excelente resumo das redes sociais e das *big techs* [as grandes empresas de tecnologia] até agora. Ouvindo pessoas que ocuparam por muito tempo cargos proeminentes no Google, Twitter, Instagram, Facebook, YouTube... Enfim, ali estão os presidentes, vice-presidentes, diretores. E o principal deles era o engenheiro responsável pelo aspecto ético do Google, ele é mais ou menos o fio condutor (do documentário). De fato, aquele velho lema do Google, *don't be evil* (não aja com maldade, em português), começa a ser questionado, porque o poder dessas empresas é sem precedentes. Elas têm um poder direto e imediato, rapidamente alcançado, sobre bilhões de pessoas apenas ao apertar uma tecla. O documentário mostra o que para mim é uma novidade: começa a haver uma reação dentro da própria ação, que são esses “evangelistas” por uma rede social menos predadora, mais humanitária, menos em busca do *like* e mais em busca do seu objetivo original, que era conectar as pessoas, dividir ideias, compartilhar pensamentos

TEMOS O JORNAL  
COMO UMA PRAÇA  
PÚBLICA [de troca  
de ideias e opiniões]  
VERSUS AS REDES  
SOCIAIS COMO  
UM CONDOMÍNIO  
FECHADO, EM  
QUE AS PESSOAS  
TORCEM PARA  
O MESMO TIME,  
VOTAM NOS  
MESMOS  
CANDIDATOS,  
PENSAM MAIS  
OU MENOS IGUAL  
NA QUESTÃO DE  
COSTUMES E MORAL

diferentes. Já dá para ver esse movimento que partiu de dissidentes dessa indústria. A mesma indústria que originou os *players* agora reage aos aspectos maléficos da supremacia, chamemos assim, dessas redes sociais. Ao final do documentário, há dez dicas para saber se as pessoas estão tendo ou não uma relação saudável com as redes sociais. Eu já adotei metade, como restringir o tempo de tela das crianças, desabilitar as notificações do celular – e a vida fica muito melhor.

#### MÍDIA OU PLATAFORMA?

O documentário também levanta uma discussão paralela: essas empresas não querem ser chamadas de empresas de mídia, mas de plataformas, de empresas tecnológicas, de *big techs*. Mas vejamos a definição de uma empresa de mídia: a empresa de mídia publica conteúdo e vende anúncio ao lado desse conteúdo. E o que é o Google? A pessoa dá uma busca, vem um conteúdo e ao lado anúncios. Se isso não é empresa de mídia, então, precisamos rever essa definição. Vejo com bons olhos esses movimentos – mais fortes na Europa e na Austrália – de, em primeiro lugar, estabelecer algum tipo de regulação semelhante ao que acontece com a mídia. Não se trata de uma intervenção estatal, mas, assim como nós, *Folha de S.Paulo*, somos responsáveis pelo conteúdo que publicamos, que essas empresas também sejam. Com isso, vai ser possível coibir o discurso de ódio, homofobia, racismo. E por que essas plataformas podem fazer isso impunemente? Elas não só podem como alcançam bilhões de pessoas com um clique. Não faz sentido. Outro aspecto: elas se apropriam de um conteúdo de jornalismo profissional que nós produzimos com grande custo e lucram em cima desse conteúdo, vendendo anúncios ao lado dele. *A Folha* defende tanto a regulação quanto a monetização pelo conteúdo utilizado. ■





# CPT \_ SESC CENTRO \_ DE \_ PESQUISA \_ TEATRAL

Agora também em  
ambiente digital.

Ateliês, cursos, debates,  
encontros, mostras do acervo,  
oficinas e muito mais.

Acompanhe a programação  
e siga nossas redes:

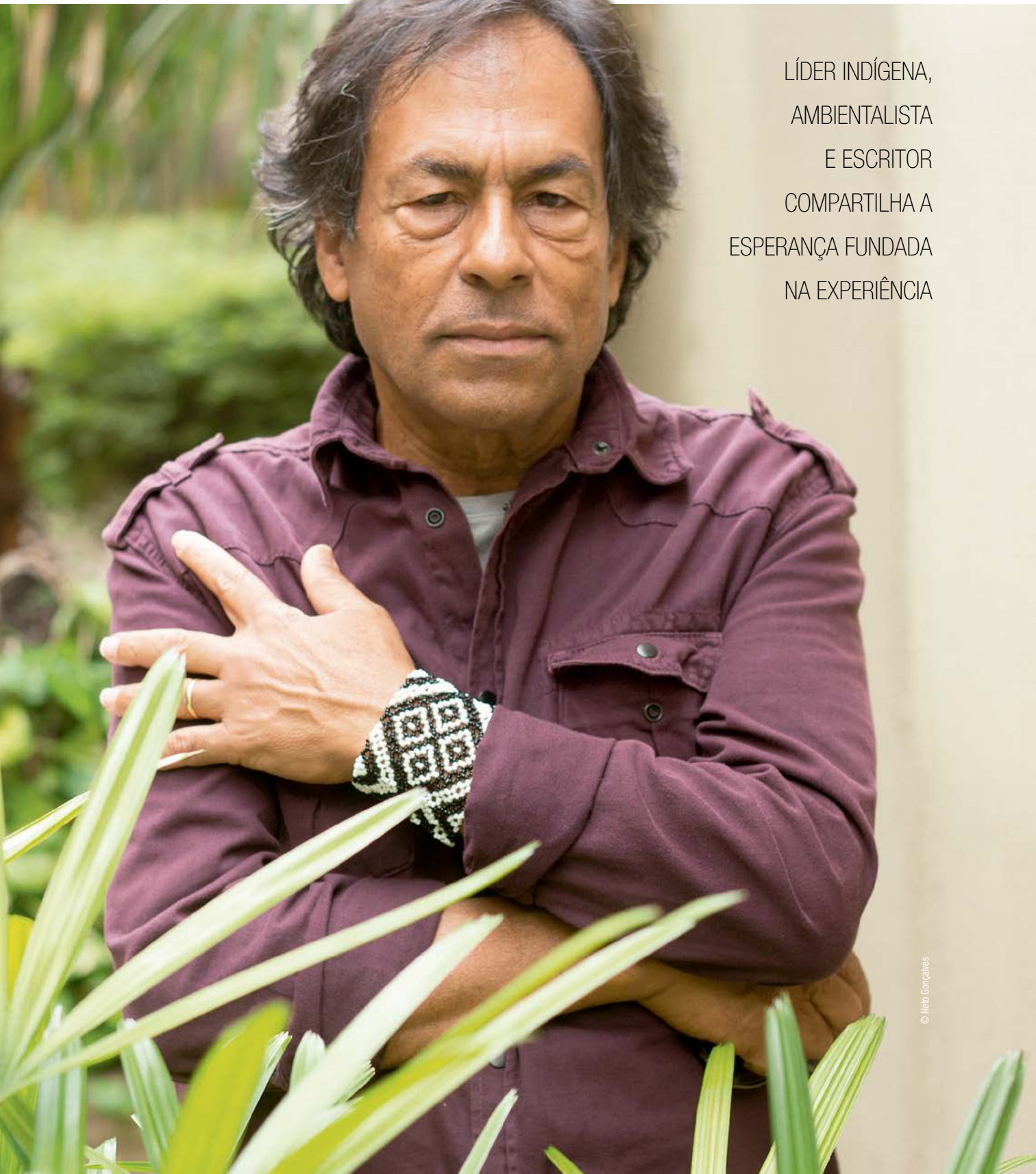
[sescsp.org.br/cpt](http://sescsp.org.br/cpt)

f   /cptsec



# O AGORA POSSÍVEL

LÍDER INDÍGENA,  
AMBIENTALISTA  
E ESCRITOR  
COMPARTILHA A  
ESPERANÇA FUNDADA  
NA EXPERIÊNCIA





leito, em 2020, intelectual do ano pela União Brasileira de Escritores (UBE), o líder indígena e escritor Ailton Krenak levou o troféu Juca Pato, conferido a personalidades que contribuíram para o desenvolvimento do país, na defesa dos valores democráticos e republicanos. Voz ativa do movimento socioambiental e pela defesa dos direitos indígenas, Krenak é cada vez mais ouvido. Mas não é de hoje que compartilha ideias e experiências, seja como morador da região do Médio Rio Doce, em Minas Gerais, seja pela sua participação em momentos emblemáticos da história recente do Brasil, como a atuação para incluir o capítulo sobre a população indígena na Constituição Federal de 1988. Sua vivência é complementada pela trajetória acadêmica (é doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais) e por seus livros. São de 2020 *A Vida Não É Útil e O Amanhã Não Está à Venda*, e, de 2019, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (todos pela Companhia das Letras). Em conversa online transmitida pelo canal do Sesc São Paulo no YouTube como parte da programação *Sesc Ideias – Crônicas Terranas, Mundos por Vir*, explicou o conceito de “esperança placebo” e reforçou que a presença no mundo só faz sentido quando ela é dividida com outros seres: “A alegria de estar no mundo é o compartilhamento. Se eu extinguir as outras espécies, o mundo fica cada vez mais triste”.



## PRESENTE E FUTURO

A absurda negativa do momento é a aposta em alguma coisa que virá depois. A ideia da esperança manipulada dessa maneira é o que chamo de “esperança placebo”. Já a esperança que faz reconhecer a situação de risco e integrar o sentimento de medo perante algo real pode nos mover em busca de entender o evento e agir dentro dele. A esperança tem que ativar o desejo de conhecer e ser capaz de atuar no lugar em que se vive ou mesmo no lugar projetado nos termos de uma esperança em um tempo prospectivo que vai sempre na mesma direção. É bem-vindo um alerta, porque somos, o tempo todo, obrigados a imaginar a possibilidade de existir um amanhã, que é quase uma garantia de estar vivo hoje. E isso tem a ver com esperança, mas uma esperança fundada em uma experiência. É a experiência de estar vivendo o dia de hoje que nos habilita a pensar o dia de amanhã. Isso não é uma esperança placebo, mas potencializa a nossa vida.

A esperança deveria nos mover no sentido de criar a passagem dentro da ideia de um tempo. Mesmo que seja a ideia que dialoga com o tempo prospectivo, que avança para o futuro, essa esperança pode nos dar capacidade e coragem para enfrentar o dia de hoje e viver o agora.

## A ESPERANÇA

### TEM QUE

### ATIVAR O

### DESEJO DE

### CONHECER E

### SER CAPAZ

### DE ATUAR

### NO LUGAR EM

### QUE SE VIVE

## COLETIVO

O que me inspirou a alinhar ideias no livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* foram visões que recebi dos meus antepassados, foi habitar um mundo coletivo. É uma perspectiva de mundo que só tem sentido se eu o estiver coabitando com outros seres. É o que me dá a alegria de estar participando dele. A alegria de estar no mundo é o compartilhamento. Se eu extinguir as outras espécies, o mundo fica cada vez mais triste. Tenho falado que a presença das borboletas e as plantas do quintal continuam me mostrando a vitalidade e a alegria. Alguém pode achar estranho meu pensamento sobre uma árvore estar alegre ou sobre a possibilidade de uma borboleta expressar contentamento ao voar, mas é isso que me acontece ao ver as borboletas voando.

## ESPAÇO DO AFETO

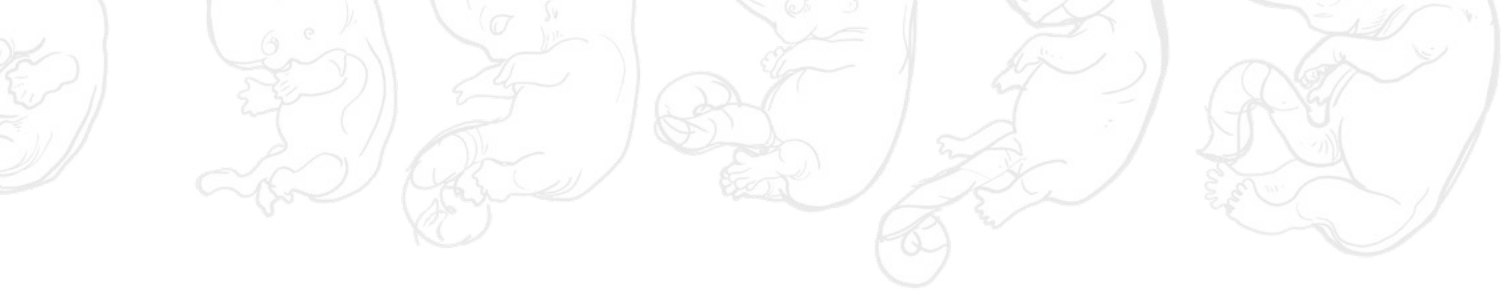
Estou passando a quarentena com um coletivo de 130 famílias localizado em uma reserva criada há 100 anos para ser destruída. Então, o paralelo que posso pensar do mundo que estamos vendo sumir, desaparecer sob os nossos pés, é uma experiência vivida pelo povo Krenak ao menos nos últimos 100 anos. A minha relação com as florestas, rios, montanhas é alimentada pela minha memória, pois o território ao meu redor foi exaurido por várias atividades humanas especulativas e o uso desrespeitoso do território. As paisagens que nos rodeiam têm sentido. Quando tiram uma montanha, e reagimos contra as atividades que a retiram, não fazemos por uma provocação, mas porque queremos continuar a desenvolver os afetos com esse lugar.

# praça roosevelt

1.

luis me aconselha a trancar  
a porta do quarto para dormir  
a casa por algum motivo de dia  
é grande mas de noite é ainda maior  
quando chego  
por onde passo  
fecho as portas atrás de mim  
que é para não me espalhar demais  
para caber nesse cômodo  
onde tudo esteja à vista  
lá fora na praça  
as pessoas não dormem nunca  
fabricio escreveu que em são paulo  
não faz noite pra valer  
o céu nunca fica preto preto  
tem noites mais pro rosa e noites  
que puxam pro verde  
e quando ele se mudou pra cá  
não conseguia pregar o olho  
com tanta claridade simplesmente  
não conseguia  
marilia me diz que um bebê  
de seis semanas  
com dois milímetros já tem  
um coração que bate e que aparece  
como um ponto piscando nos exames  
kammal da minha janela  
ao ver a obra do teatro  
que há muitos anos pegou fogo  
o barulho incessante dos guindastes e tratores  
diz que a terra aqui  
é vermelha  
mas no rio é de que cor?  
no rio se você cavar fundo  
só vai achar areia?  
agora toda vez que olho  
pela janela de manhã  
repito sem me dar conta  
a terra aqui  
é vermelha





2.

tem um poema de t.s. eliot que diz  
o rio é dentro de nós  
e o mar é o que fica em volta  
as veias sobem e descem  
num movimento que se pensar demais  
arrisca parar de funcionar  
as veias do meu avô não estão bombeando  
a dose certa de oxigênio  
mas o medo de escrever isso  
é que se algo acontecer com ele o poema  
vai virar uma espécie de maldição  
semana que vem o bebê na barriga  
completa cinco meses  
os bebês na barriga quando se desenvolvem  
passam por todas as etapas  
da vida na terra  
quer dizer começam como um grão um nada  
quase um micróbio que o corpo da mãe  
pode tentar expelir  
como um ser estranho e perigoso  
depois o embrião vira um invertebrado  
um peixe nadando com cauda e sem pálpebras  
até ganhar coluna vertebral  
e feições humanas  
se pensar bem até mesmo  
o feto boiando no líquido amniótico  
de certo modo imita  
a forma gorda do planeta  
agora está começando a esquentar  
nos dias de verão a praça fica cheia  
quarta-feira é dia de circo  
assisto da janela  
a mão esquecida  
apoiada na barriga

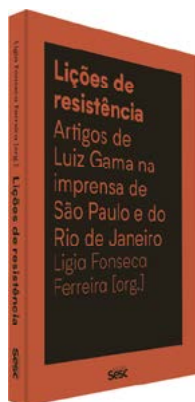
3.

de manhã bem cedo fomos tomar  
sol na praça  
e uma senhora com o labrador  
que sempre tem algo a dizer disse  
você não devia sair sem meias  
está muito frio para o menino  
ficar fora de casa  
da outra vez ela disse  
que ele estava um pouco amarelo  
deve ser icterícia  
era a primeira vez que saíamos de casa  
e o médico mais tarde  
confirmou o diagnóstico  
a um filho não se deve  
ensinar a não ter medo  
a um filho se deve ensinar  
a ter os medos certos  
a não derrapar na borda da piscina  
a não se esgueirar na janela  
a não ficar obcecado de paixão  
a não dirigir embriagado  
a não perder o fio da meada  
a um filho se deve ensinar  
que o medo em alguns casos pode ser  
chamado de cautela  
e que o medo em alguns casos  
pode inspirar coragem  
e quase nada  
é mais bonito que coragem ■

**ALICE SANT'ANNA** é autora de *Dobradura* (7 letras, 2008), *Rabo de Baleia* (Cosac Naify, 2013), pelo qual recebeu o Prêmio APCA, e *Pé do Ouvido* (Companhia das Letras, 2016), além de algumas plaquetes independentes. Seus livros foram reunidos em *Aula de Natação* (INCM, 2018), em Portugal.

Os poemas publicados nesta seção foram incluídos na tese de doutorado em Letras na PUC-RJ, defendida pela escritora em julho, e farão parte do próximo livro, ainda sem data de publicação.

# CONSCIÊNCIA E IGUALDADE



## LIÇÕES DE RESISTÊNCIA

artigos de Luiz Gama na imprensa  
de São Paulo e do Rio de Janeiro

Lúgia Fonseca Ferreira (org.)

Publicados entre as décadas de 1860 e 1880, textos de Luiz Gama – negro, ex-escravo e autodidata – relatam a história de pessoas que permaneceram sob o regime de escravidão, mesmo após a Lei do Ventre Livre, de 1831.



## MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

a resistência nas ruas

Ennio Brauns, Gevanilda Santos,  
José Adão de Oliveira (org.)

Edições Sesc São Paulo |  
Fundação Perseu Abramo

Por meio de um farto acervo iconográfico e documental, livro celebra os mais de 40 anos do Movimento Negro Unificado.



## PROTAGONISMO NEGRO EM SÃO PAULO

história e historiografia

Petrônio Domingues

Agenciamentos sociais, práticas culturais e relações de gênero, entre outros fatos, são analisados para apresentar um panorama do período pós-abolição, quando as relações hierárquicas entre senhores e escravos deixa de existir.



## FRECHAL, QUILOMBO PIONEIRO NO BRASIL

da escravidão ao reconhecimento  
de uma comunidade afrodescendente

Christine Leidgens

A partir de textos e imagens, fotógrafa belga reúne a experiência de seis anos vividos na comunidade negra de Frechal, no Maranhão, e traça um panorama histórico desde a abolição até 1992.





Central de Atendimento Sesc Guarulhos

**OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.**

**CRENCIAL PLENA**

- **titular**  
**trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4\*.  
**estagiários do comércio de bens, serviços e turismo** - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**temporários do comércio de bens, serviços e turismo** - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**desempregados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4\*.  
**aposentados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4\*.  
**titular falecido** - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- **dependentes**  
**cônjuge** - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4\*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*  
**filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos)** - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*  
**filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos)** - documento de identidade, CPF, foto 3x4\* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).  
**pais e padrastos** - documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os padrastos e madrastas, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*  
**avós** - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4\*.



**A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.**

**CRENCIAL ATIVIDADES**

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.

**\*A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC**  
**Administração Regional no Estado de São Paulo**  
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

**CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO**

**Presidente:** Abram Abe Szajman.  
**Diretor Regional:** Danilo Santos de Miranda

**Efetivos:**

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

**Suplentes:**

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz.

**REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

**Efetivos:**

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

**Suplentes:**

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

**CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO**

**Diretor:** Danilo Santos de Miranda

Adriane Ribeiro, Adrielle Duran Silva, Alessandra Galvão, Alessandra Garcia, Aline Ribenboim, Amanda Brogio, Amanda de Andrade, André Luiz Rosário, André Luiz Santos Silva, Andrea Rodrigues, Andréa Fernandes, Andreia Dorta, Angélica de Paula, Barbara de Freitas, Bruna Daniel, Bruna Marcatto da Rocha, Camila Curaçá, Carolina Nicolau, Christi Lafalce, Claudia Cassia de Campos, Claudia Regina de Souza, Daniel da Silva Leite, Daniel Douek, Daniel Tonus, Daniela Matsuda, Danielle Simas, Danilo Cava Pereira, Danny Abensur, Davi Costa, David Sampaio, Denise Kieling, Denise Marcon, Diego da Silva Oliveira, Eduardo Freitas, Elisa Leite, Eloá Cipriano, Fabia Lopez dos Santos, Fabiana Freitas, Fabiano Maranhão, Fagner Coelho, Fernanda Monteiro, Fernanda Porta Nova, Fernando Augusto de Mendonça, Gabriela Amorim, Gean Silva, Geraldo Cruz, Gislene Lopes, Guilherme Land, Igor Cruz, Ivan da Hora, Jack Magalhães, Jade Stella Martins, José Junior, Juliana Gardim, Juliano Lima, Julio Cesar Junior, Karla Medeiros Hamabata, Karla Priscila Carrero, Leticia Gouveia, Lidiane de Jesus, Lucio Erico Cunha, Luiz Guilherme Barreto, Marcelo Soares Junior, Maria Denise Leite, Mariana Barbosa Ruocco, Marina Reis, Patricia Rocha Fonseca, Paulo Vilela Arid, Perola Nunes Braz, Poliana Queiroz, Priscila Machado Nunes, Rafael Castori de Andrade, Rejane Pereira da Silva, Renato de Jesus, Renato Perez de Castro, Renato José Pereira, Ricardo Ribeiro, Roberta Della Noce, Roberta Oliveira dos Santos, Ruan Carlos Conceição, Silvia Garcia, Simone Cilli, Tayná Oliveira, Thais Emilia Marques, Thais Kruse, Thiago Marchini, Vitória Costa, Viviane Lourenço, Wagner Dini de Castro, Willian Yamamoto

**REVISTA E**

**Coordenação Geral:** Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Nilton Bergamini e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

**Jornalista Responsável:** Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da

**Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:  
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

# Pensamento em

Apresentações musicais e teatrais, debates e cursos estão sendo transmitidos por estas que se tornaram imprescindíveis nesta pandemia: as lives. Ao contrário do conceito original, emprestado da televisão, e que na língua portuguesa atende pelo nome “ao vivo”, as lives são transmitidas em tempo real, mas depois ficam, em sua maioria, gravadas em plataformas digitais. Acrescentadas à rotina de artistas, instrutores físicos, professores, jornalistas, cientistas e tantos outros profissionais, elas carregam diferentes mensagens para o público. Por isso, sugerimos algumas lives em que personagens reconhecidos mundialmente compartilham suas ideias e reflexões acerca de temas caros a este momento da história da humanidade.

## LITERATURA E ESCRITA

Autora de mais de 25 obras, **Nélida Piñon**, 83 anos, é uma imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), a qual presidiu no ano do centenário (1997), sendo a primeira mulher a ocupar o cargo. Recebeu vários prêmios literários, entre eles o Prêmio Príncipe de Astúrias (Espanha) pelo conjunto da obra. Em live realizada em agosto, pelo Centro Cultural Brasil USA (CCBU) — organização sem fins lucrativos criada por voluntários brasileiros em 1997, residentes em Miami (EUA) —, a escritora fala sobre literatura, escrita, memórias e pandemia. Ela ainda conta como foi finalizar, durante a quarentena, o novo romance: *Um Dia Chegarei a Sagres* (Record, 2020).

Assista: [https://m.facebook.com/events/959826197854155?view=permalink&id=963099640860144&fs=0&focus\\_composer=0](https://m.facebook.com/events/959826197854155?view=permalink&id=963099640860144&fs=0&focus_composer=0)



Thiago Lopes / Estúdio Kivi

## HUMANISMO E SOLIDARIEDADE

Considerado o criador do pensamento complexo, o filósofo, antropólogo e sociólogo francês Edgar Morin, 99 anos, é autor de dezenas de livros, entre eles *A Aventura de O Método e Para uma Racionalidade Aberta* (Edições Sesc São Paulo, 2020). Na live *Humanismo e Solidariedade na Sociedade Contemporânea*, Morin conversa com o diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, e alinhava observações e ideias a respeito deste momento da humanidade e de como podemos enfrentar os desafios impostos. “Para mim, há duas questões centrais sobre as quais precisamos falar: responsabilidade e solidariedade. Devemos pensar que cada sociedade, cada nação, tem como base o sentido de comunidade”, disse Morin. O bate-papo também marcou o lançamento do website [www.edgarmorin.sescsp.org.br](http://www.edgarmorin.sescsp.org.br), dedicado à vida e obra de um dos grandes pensadores dos séculos 20 e 21.

Assista: [www.youtube.com/watch?v=RP4lp1RYTXo](http://www.youtube.com/watch?v=RP4lp1RYTXo)



Reprodução



# LIVE



## MEIO AMBIENTE

Linguista, filósofo e autor de diversas obras que disseminaram suas ideias pelo mundo, como *Sobre Natureza Linguagem* (WMF Martins Fontes, 2006) e *Quem Manda no Mundo?* (Crítica, 2017), o norte-americano Noam Chomsky, 91 anos, é um dos pensadores mais importantes da atualidade. Na live *O Futuro Que Não Tem Bordas*, realizada na primeira semana de outubro pelo LivMundi — Movimento e Festival de Impacto Socioambiental, Chomsky dialoga com o ex-presidente do Uruguai José Mujica, 85 anos, e compartilha reflexões sobre meio ambiente, pandemia, educação e outros aspectos da sociedade.

Confira: [www.youtube.com/watch?v=AluNr3SU\\_FU](https://www.youtube.com/watch?v=AluNr3SU_FU)



## HISTÓRIA E CULTURA

O historiador francês **Roger Chartier**, 74 anos, é professor do Collège de France, em Paris, e professor visitante na Universidade da Pensilvânia (EUA), especializado em história da cultura, com destaque para a história do livro e da leitura na Europa. É autor de *A história ou a leitura do tempo* (Autêntica, 2009), *A aventura do livro, do leitor ao navegador* (Unesp, 2002), entre outras obras. Na live *Pandemia, História e Cultura Escrita*, Chartier conversa com Marta Colabone, historiadora, psicanalista e gerente de estudos e desenvolvimento do Sesc São Paulo sobre o atual momento e de que forma a história pode nos ajudar a compreendê-lo. O pesquisador também fala sobre as transformações das práticas culturais e o que podemos esperar daqui para frente.

Confira em: [www.youtube.com/watch?v=oTYsYQb4U9I](https://www.youtube.com/watch?v=oTYsYQb4U9I)



## Das experiências que despertam para a vida

Foi vivendo numa cidade pequena, do interior, que descobri prazeres e desafios que compõem a minha história. Lembro das primeiras pedaladas que me conduziram a aventuras incríveis. Durante a semana, andava perto de casa, mas o final de semana era o mais esperado para o passeio em família. Na rua e no quintal, com irmãos e amigos, explorávamos jogos e brincadeiras, e assim íamos estabelecendo formas de convivência e descobrindo os limites corporais. Brincar com a água sempre me fascinou. O dia de lavar o quintal era o pretexto para tomar banho de mangueira e escorregar na garagem. Da piscina, me recordo da vontade de aprender a nadar e que só saía da água na hora de o clube fechar.

Nos parques e praças, explorava os *playgrounds*, aguardava a chegada do circo e do parque de diversões, ouvia música no coreto, caminhava e passava o tempo com amigos. As experiências da infância e juventude foram valiosas para que eu estabelecesse, nos anos seguintes, vínculos positivos com as práticas de lazer. Na época da faculdade, um novo mundo se apresentou e outras expressões, principalmente no campo artístico, compuseram minhas escolhas.

Ao longo da graduação, tive contato com disciplinas que abordaram o fenômeno do lazer e, então, inquietações começaram a surgir: seria este um conteúdo somente da Educação Física? Seriam as práticas de lazer apenas aquelas de livre escolha, marcadas pela diversão, convivência e qualidade de vida?

No Sesc, além de trabalhar, passei a frequentar as programações nos momentos disponíveis. Ao vivenciar atividades e dialogar com profissionais, instituições e grupos, minhas referências de lazer vão se alargando, revelando a sua dimensão plural e educativa, bem como um elemento de desenvolvimento individual e coletivo. O tema pulsa fortemente no âmbito profissional e pessoal, de forma que sou provocada a olhar para fora e buscar

mais referências. Influências e diálogos do lazer com arquitetura, urbanização, geografia, antropologia urbana, educação, diversidade cultural e políticas públicas, acrescidos de seu componente crítico, ganham espaço no meu entendimento sobre o tema.


Caminhando e pedalando pelas ruas, reflito e questiono as condições das cidades e das pessoas. Observo os espaços e as estruturas arquitetônicas. Contemplo as expressões artísticas e a natureza. Sei que ainda existem lugares para conhecer, porém, sinto que as cidades, de um modo geral, carecem de espaços acessíveis, verdes, assim como de iniciativas de cultura e lazer que considerem as diversidades, as realidades, os desejos e as necessidades coletivas.

Tais percepções sobre a cidade revelam um mundo desigual, no qual a ausência de políticas públicas não se limita apenas ao lazer, mas à saúde, à educação, ao emprego e ao acesso à moradia. Embora previsto como um direito social na Constituição, efetivamente, o lazer está longe de ser democrático e acessível para todos, algo que ficou ainda mais evidente durante a pandemia, que reforçou tanto privilégios quanto inequidades.

Aos poucos, estamos retomando certos hábitos, ainda que de maneira ressignificada, e reestabelecendo os vínculos com a cidade, com os lugares e as pessoas. Desejo em breve estar com amigos e familiares; sentir o prazer de pedalar, do toque da água ao nadar e da leveza causada pela música; observar as intervenções artísticas pelas ruas; descobrir novas culturas ao viajar e me conectar com a natureza. Que essas relações, na perspectiva a céu aberto, possam nos levar ao estado de contemplação e felicidade, sem que se perca de vista o que está além de nossas janelas. ■

**ALESSANDRA GALVÃO** é graduada em Educação Física (Unesp – Rio Claro) e assistente técnica da Gerência de Desenvolvimento Físico-Esportivo do Sesc São Paulo.





A música brasileira  
em toda a sua riqueza  
e diversidade sonora.



Sesc<sup>tv</sup>

**Novos episódios da série documental gravados ao redor do país, em que se manifestam a diversidade da produção musical brasileira e os ritmos da tradição oral.**

Programa de estreia

**Edino Krieger e as Bienais da Música Contemporânea – Uma Homenagem**

Direção: Belisário Franca

Dia 21/11, às 21h

Disponível *on demand* em: [sesctv.org.br](http://sesctv.org.br)

**IDEIAS** #emcasacomsesc

Debate sobre o processo criativo da série, a importância da memória musical e da diversidade sonora. Com o professor do departamento de música da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, **Carlos Sandroni**, o cineasta e diretor geral da série, **Belisário Franca**, mediação de **Gilberto Figueiro**, analista em música do Departamento Nacional do Sesc e apresentação de **Sidênia Freire**, mestre em comunicação pela ECA-USP e coordenadora de programação do SescTV.

21/11, às 16h.

Assista em: [youtube.com/sescsp](http://youtube.com/sescsp)



